



Programa de
Pós-Graduação
em Ensino

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS – CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU-PR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NÍVEL MESTRADO

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM CIÊNCIAS, LINGUAGENS, TECNOLOGIAS E
CULTURA**

CARLA ELIAS DE MOURA

**ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ENSINO SOBRE
EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

FOZ DO IGUAÇU - PR

2018

CARLA ELIAS DE MOURA

**ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ENSINO SOBRE
EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino, Nível Mestrado, da UNIOESTE, campus Foz do Iguaçu – PR, para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cynthia Borges de Moura.

FOZ DO IGUAÇU - PR

2018

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistemas de Bibliotecas da UNIOESTE

M929 Moura, Carla Elias de
Elaboração e avaliação de um programa de ensino sobre educação sexual para professores do ensino fundamental I / Carla Elias de Moura. - Foz do Iguaçu, 2018.
100 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cynthia Borges de Moura
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Professores - Formação. 2. Educação sexual. 3. Sexualidade – Estudo e ensino. 4. Crianças e sexo. I. Título.

CDU 371.13
372.861.388



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

CARLA ELIAS DE MOURA

**ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ENSINO SOBRE
EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino, área de concentração Ciências, Linguagens, Tecnologias e Cultura, linha de pesquisa Ensino em Linguagens e Tecnologias, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Cynthia Borges de Moura

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Clódis Boscardioli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Mary Neide D'Amico Figueiró

Universidade Estadual de Londrina - UEL (UEL)

Foz do Iguaçu, 20 de fevereiro de 2018

AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DO MATERIAL EM PDF

Eu, Carla Elias de Moura, autorizo a reprodução em PDF, no site da universidade, da dissertação de mestrado intitulada “**ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ENSINO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I**”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino, Nível Mestrado, da UNIOESTE.

Nome: CARLA ELIAS DE MOURA

Foz do Iguaçu, 16 de abril de 2018.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado do esforço e dedicação de muitas pessoas. Agradeço a Deus por ter me dado pessoas tão incríveis e significativas desde o início da minha vida, com meus pais Celso e Eunice, que sempre me apoiaram, incentivaram e acima de tudo, acreditaram em mim e à minha irmã Carolina.

À minha orientadora, professora Cynthia por ter confiado e me escolhido para fazer este trabalho, por toda sua ajuda e dedicação. Aos professores do Mestrado em Ensino e da vida, cujas ideias, inspirações e indagações me instigaram e motivaram a dar continuidade à vida acadêmica.

Às minhas amigas desde sempre, Kao Pei Yui, Maria Eduarda e Leila, assim como também aqueles amigos que descobri nesta fase e que conviveram comigo ajudando a suportar as tribulações da rotina de estudos, Priscila, Josiane, Nathalia, Maritssani e Ana Kamila.

Agradeço à minha segunda família, Cleide, Antônio e Hudson por todo carinho, suporte e apoio. Obrigada aos professores que participaram desta pesquisa e se dispuseram a refletir sobre sexualidade conosco.

Aos meus amigos e colegas do Mestrado, especialmente à Luani pelas mensagens diárias de incentivo e ao Denis por toda ajuda e correção ortográfica.

Aos meus avós, de sangue e de coração, pela paciência e sabedoria durante esses dois anos.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS	- <i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
AMOP	- Associação dos Municípios do Oeste do Paraná
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPE	- Centro de Aperfeiçoamento do Profissional da Educação
CEP	- Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNS	- Conselho Nacional de Saúde
EAD	- Ensino a distância
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
GDE	- Gênero e Diversidade na Escola
HIV	- <i>Human Immunodeficiency Virus</i>
HPV	- Papilomavírus Humano
IAS	- Indicadores de Abuso Sexual
IST	- Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	- Lei de diretrizes e bases da educação nacional
LGBTT	- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MOODLE	- <i>Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment</i>
NEAS	- Núcleo de Educação Afetivo Sexual
OMS	- Organização Mundial da Saúde
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
SPE	- Programa Saúde e Prevenção nas escolas
SPSS	- <i>Statistical Package for the social sciences</i>
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TAI	- <i>Therapy Attitude Inventory</i>
UDESC	- Universidade Estadual de Santa Catarina
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	- Universidade Federal de Santa Maria
UNESP	- Universidade Estadual Paulista
UNIOESTE	- Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Procedimentos da pesquisa	46
Figura 2. Temas-alvo do Programa de Ensino “Respondo o quê?”	47
Figura 3. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema relações sexuais antes e após o programa	57
Figura 4. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema diferenças entre corpo masculino e feminino antes e após o programa	57
Figura 5. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema gravidez antes e após o programa	58
Figura 6. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema mudanças corporais na puberdade antes e após o programa	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização dos professores participantes distribuídos por idade, sexo, titulação acadêmica e tempo de magistério	42
Tabela 2. Frequência e porcentagem de respostas por categoria para a pergunta o que é sexo antes e depois do programa	49
Tabela 3. Frequência e porcentagem das respostas por categorias para a pergunta o que é sexualidade antes e depois do programa.....	50
Tabela 4. Frequência e porcentagem de respostas por categoria sobre as perguntas constrangedoras antes e depois do programa	52
Tabela 5. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Relações sexuais	54
Tabela 6. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Diferenças entre corpo masculino e feminino	55
Tabela 7. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Gravidez.....	55
Tabela 8. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Mudanças corporais na puberdade	56
Tabela 9. Médias e desvios-padrão dos escores atribuídos aos componentes do Programa de Ensino “Respondo o quê?”	60

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo avaliar a efetividade de um Programa de Ensino sobre Educação Sexual aplicado para professores do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental I de Foz do Iguaçu – PR e identificar quais componentes deste programa foram considerados pelos professores como efetivos quanto a produção de mudanças indicadoras de melhora no nível de conforto e capacidade para trabalhar com educação sexual na faixa etária de 9 a 11 anos. Participaram da presente pesquisa 83 professores (03 do sexo masculino e 80 do sexo feminino), a maioria com idades entre 30 a 45 anos, que lecionavam no quarto e quinto ano da rede pública, distribuídos em vinte grupos. O Programa de Ensino elaborado foi intitulado “Respondo o quê? – Programa de Educação Sexual para professores”, com 3 horas de duração, sendo que seu formato foi planejado visando a padronização dos procedimentos e uso da técnica *role playing*. Os participantes responderam a um instrumento com situações-problema sobre temas da sexualidade antes e após a capacitação. Ao final, responderam também a um instrumento para avaliação dos componentes do Programa de Ensino. Os dados obtidos foram analisados por meio de estatística paramétrica entre amostras dependentes (Teste T), estatística descritiva e análise de conteúdo de Bardin (1970). Os resultados mostraram que houve mudança estatisticamente significativa quanto ao nível de conforto e capacidade dos professores após o Programa de Ensino. A análise de conteúdo mostrou que as dificuldades iniciais dos professores eram constrangimento com perguntas sobre o *ato sexual*, o que diminuiu após o Programa de Ensino, enquanto que a categoria *comportamento sexual* foi a destacada como a mais difícil após a capacitação. Quanto à avaliação do Programa, o componente melhor avaliado foi a técnica *Hot Seat*. Assim, conclui-se que o Programa proposto se mostrou efetivo para auxiliar professores a melhorar o nível de capacidade e conforto para trabalhar alguns temas da sexualidade. A avaliação dos componentes do programa forneceu dados importantes para possíveis reformulações do mesmo com o intuito de auxiliar os profissionais no trabalho com esta temática. Este estudo mostrou que a estruturação de programas de ensino para a formação de professores produz comportamentos relevantes para o desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Docentes; Programação; Ensino; Educação Sexual; Sexualidade.

ABSTRACT

The objective of this study was to evaluate the effectiveness of a Sex Education Program applied to fourth and fifth year primary school teachers from Foz do Iguaçu - PR and to identify which components of this program were considered by teachers as effective in the production of changes indicative of improvement in the level of comfort and capacity to work with sex education in the age group of 9 to 11 years. A total of 83 teachers (03 males and 80 females) participated in the present study, most of them aged between 30 and 45 years, teaching in the fourth and fifth year of the public school, distributed in twenty groups. The elaborate Teaching Program was titled "What I answer? - Sexual Education Program for Teachers", with 3 hours of duration, and its format was designed to standardize procedures and use the use of role playing technique. Participants responded to an instrument with problem situations on sexuality issues before and after training. In the end, they also answered an instrument for evaluating the components of the Teaching Program. The data were analyzed by means of parametric statistics between dependent samples (Test T), descriptive statistics and content analysis of Bardin (1970). The results showed that there was a statistically significant change in the level of comfort and capacity of teachers after the Teaching Program. The content analysis showed that the initial difficulties of teachers were embarrassing with questions about the sexual act, which declined after the Teaching Program, while the sexual behavior category was highlighted as the most difficult after the training. Regarding the evaluation of the Program, the best evaluated component was the Hot Seat technique. Thus, it was concluded that the proposed Program proved to be effective in helping teachers improve the level of ability and comfort to work on some themes of sexuality. The evaluation of the components of the program provided important data for possible reformulations of the program in order to assist professionals in working with this theme. This study showed that the structuring of teaching programs for teacher training produces behaviors relevant to the development of sex education in the school environment.

Keywords: Teachers; Programming; Teaching; Sexual Education; Sexuality.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo evaluar la efectividad de un Programa de Enseñanza sobre Educación Sexual aplicado para profesores del cuarto y quinto año de la Enseñanza Fundamental I de Foz do Iguaçu - PR e identificar qué componentes de este programa fueron considerados por los profesores como efectivos en cuanto a la producción de cambios indicadores de mejora en el nivel de confort y capacidad para trabajar con educación sexual en el grupo de edad de 9 a 11 años. En la presente investigación se realizaron 83 profesores (03 del sexo masculino y 80 del sexo femenino), la mayoría con edades entre 30 y 45 años, que enseñaban en el cuarto y quinto año de la red pública, distribuidos en veinte grupos. El Programa de Enseñanza elaborado fue titulado "¿Responde qué? - Programa de Educación Sexual para profesores ", con 3 horas de duración, siendo que su formato fue planeado visando la estandarización de los procedimientos y uso de la técnica de rol. Los participantes respondieron a un instrumento con situaciones-problema sobre temas de la sexualidad antes y después de la capacitación. Al final, respondieron también a un instrumento para la evaluación de los componentes del Programa de Enseñanza. Los datos obtenidos fueron analizados por medio de estadística paramétrica entre muestras dependientes (Prueba T), estadística descriptiva y análisis de contenido de Bardin (1970). Los resultados mostraron que hubo un cambio estadísticamente significativo en cuanto al nivel de confort y capacidad de los profesores después del Programa de Enseñanza. El análisis de contenido mostró que las dificultades iniciales de los profesores eran constreñimiento con preguntas sobre el acto sexual, lo que disminuyó después del Programa de Enseñanza, mientras que la categoría comportamiento sexual fue la destacada como la más difícil después de la capacitación. En cuanto a la evaluación del Programa, el componente mejor evaluado fue la técnica Hot Seat. Así, se concluye que el Programa propuesto se mostró efectivo para auxiliar a los profesores a mejorar el nivel de capacidad y confort para trabajar algunos temas de la sexualidad. La evaluación de los componentes del programa proporcionó datos importantes para posibles reformulaciones del mismo con el fin de auxiliar a los profesionales en el trabajo con esta temática. Este estudio mostró que la estructuración de programas de enseñanza para la formación de profesores produce comportamientos relevantes para el desarrollo de la educación sexual en el ambiente escolar.

Palavras-chave: Docentes; Programación; Enseñanza; Educación Sexual; Sexualidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 Sexualidade na Infância e Adolescência	17
2.2 Educação sexual na escola.....	20
2.3 Programas de Ensino e Formação Continuada.....	23
2.4 Pesquisas sobre Programas de Ensino na área de Educação Sexual.....	26
3 OBJETIVOS	39
4 MÉTODO	40
4.1 Tipo do Estudo	40
4.2 Local e Contexto do Estudo	40
4.3 Participantes.....	42
4.4 Recursos Humanos	43
4.5 Instrumentos.....	44
4.5.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A).....	44
4.5.2 Instrumento de Situações-Problema sobre Sexualidade (Apêndice B)	44
4.5.3 Instrumento de Avaliação do Programa de Ensino (Apêndice C).....	45
4.6 Procedimento	45
4.7 Aspectos Éticos.....	47
5 RESULTADOS	48
5.1 Análise de conteúdo quanto ao conceito de sexo e sexualidade para os participantes e perguntas constrangedoras.....	48
5.2 Análise estatística da comparação dos dados pré e pós provenientes do instrumento sobre situações-problema	54
5.3 Análise descritiva da comparação dos dados pré e pós provenientes do instrumento sobre situações-problema	56
6 DISCUSSÃO	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	85
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	86

Telefone para contato e disponibilidade para participar da capacitação: APÊNDICE B	
- Instrumento de Situações-Problema sobre Sexualidade.....	86
APÊNDICE C – Instrumento de avaliação dos componentes do programa.....	92
APÊNDICE D – Descrição do Programa de Ensino “Respondo o quê?”	93
APÊNDICE E – Slides do Programa de Ensino “Respondo o quê?”	95
ANEXOS	104
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética.....	105

1 INTRODUÇÃO

A Educação passou a ser considerada um direito social garantido a todos cidadãos a partir da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988). Desde então, normas visando regulamentar este aspecto no cenário brasileiro passaram a ser elaboradas como a Lei nº 9.394/1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), normatizando e orientando o sistema de ensino no país.

No cenário educacional, temas relacionados à sexualidade e sua abordagem no contexto escolar foram acentuados devido à preocupação, nos anos 80, com os altos índices de gravidez não planejada entre adolescentes e o risco de contaminação do vírus da AIDS nesta população (FLORES, 2004; PEREIRA, 2014). Logo, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997 objetivava auxiliar professores a trabalhar determinados conteúdos com crianças dentro da escola e entre tais temas, encontrava-se a orientação sexual. No entanto, como o PCN não possui força de lei, atualmente as instituições de ensino baseiam-se em outros documentos para elaboração de seus currículos.

Ainda sobre políticas da Educação, no ano de 2010, o Conselho Nacional de Educação, através da Resolução nº 04/2010 definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, sistematizando os princípios contidos tanto na Constituição como na LDB e instruindo normas para elaboração do currículo e de projetos políticos-pedagógicos das instituições de ensino (BRASIL, 2013).

Sobre este aspecto, a Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu atualmente utiliza o documento proposto pela Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP) para reger o currículo básico das escolas municipais, tendo em vista que a necessidade de sistematizar um currículo comum para as escolas da região Oeste do Paraná surgiu a partir do desenvolvimento histórico-social da região e sua heterogeneidade. Seus idealizadores buscavam pressupostos teóricos que permitissem uma educação voltada para o desenvolvimento omnilateral¹ dos sujeitos (AMOP, 2015). A AMOP é uma sugestão de padronização para que o educador procure atender as necessidades do currículo a partir de uma visão de continuidade,

¹ De acordo com Frigotto (2012), o termo omnilateral procede do latim e remete à concepção de educação que considera todas as dimensões do ser humano bem como as condições que permitem seu desenvolvimento histórico.

sabendo quando um conteúdo deverá ser introduzido, trabalhado, aprofundado e consolidado².

Ao analisar o documento da AMOP, constata-se que o vocábulo “sexualidade” aparece no texto cinco vezes: primeiramente, apresentada em relação à construção da identidade e afetividade, relatando que as expressões da sexualidade infantil fazem parte da descoberta do próprio corpo e do prazer. Na segunda citação, a palavra está inserida na tabela sobre os conteúdos a serem trabalhados em cada ano escolar, indicando se o tema deve ser introduzido, trabalhado, aprofundado ou consolidado. É possível verificar que de acordo com o documento, o conteúdo higiene corporal é introduzido e trabalhado a partir do primeiro ano e aprofundado e consolidado no segundo ano. Já no quarto ano, aspectos como gravidez e infecções sexualmente transmissíveis³ (IST) são introduzidos e trabalhados, sendo aprofundados e consolidados no quinto ano.

Na terceira citação, o documento ressalta que temas como a sexualidade podem ser abordados conforme os objetivos e necessidades de cada escola do primeiro ao quinto ano, mostrando que os conteúdos não devem ser apresentados “de forma momentânea e estanque” (AMOP, 2015). Nas duas últimas citações, o termo sexualidade aparece no conteúdo do segundo ano para a disciplina de Ensino Religioso, relacionada às características de gênero e papéis sociais. Em seguida, uma nota de rodapé alerta que esta palavra não está relacionada apenas ao sexo, que a sexualidade deve ser vista de modo mais amplo, pois envolve “as manifestações do sujeito, tais como: desenho, preferências, gostos, sensações, *etc*” (AMOP, 2015).

É possível identificar que, neste mesmo documento, temas relacionados à sexualidade estão recomendados nos conteúdos da pré-escola. Entretanto, se percebe que não há tentativa de relacionar diretamente tais conteúdos como conhecimento do corpo, afeto, brincadeiras sociais e gênero à palavra sexualidade, e ao início da educação sexual nesta fase.

² Introduzir – momento em que se percebe as concepções e conhecimento do educando sobre o tema; Trabalhar – apresentação formal do conteúdo de modo científico e contextualização histórica do mesmo; Aprofundar e Consolidar – momento reflexivo para que o educando demonstre o seu entendimento do conhecimento científico (AMOP, 2015, p.183).

³ A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que o termo Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) seja substituído por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), tendo em vista que a palavra doença implica em sintomas e sinais visíveis no organismo humano, enquanto que as infecções podem ter períodos assintomáticos (OMS, 2005). Porém, nesta pesquisa, o termo DST ainda aparecerá quando tiver sido utilizado pelo pesquisador do estudo citado.

A configuração do termo sexualidade como algo além do ato sexual também foi apresentada nos estudos de Figueiró (2014), assim como a ideia de que conhecer o próprio corpo e saber sobre a sexualidade é um direito do ser humano e essencial à sua formação integral.

Tendo em vista a descrição apresentada nesta dissertação acerca do conteúdo da AMOP (2015), verifica-se que apesar dos autores entenderem e relatarem o caráter amplo da sexualidade e a relevância da educação sexual na escola percebe-se que a transversalidade⁴ não é alvo de atenção, uma vez que esses conteúdos foram inseridos principalmente na disciplina de Ensino Religioso e os aspectos biológicos do corpo na disciplina de ciências.

Neste contexto, apesar da sexualidade ser um aspecto inerente à vida humana, este assunto ainda está envolto por preconceitos, ou no mínimo, constrangimentos. Por receio de lidar com esta temática, muitas vezes os professores optam pelo silêncio quando alguma situação relacionada à sexualidade atravessa os muros da escola. Existem, também, aqueles que escolhem a imposição dos próprios valores sobre este tema sem refletir sobre a importância de seu papel para a formação de ideias e posicionamento de crianças.

Os professores, além de se depararem com manifestações relacionadas à sexualidade dentro da escola, precisam ensinar conteúdos que estão inseridos no Ensino Fundamental I, como sistema reprodutor masculino e feminino, modificações corporais durante a puberdade, IST e concepção, introduzidos durante o quinto ano escolar (MENEGETTI, 2016).

Diante do contexto apresentado, o interesse em trabalhar com sexualidade no Ensino Fundamental em Foz do Iguaçu surgiu em 2011, a partir da demanda e solicitação de escolas da rede pública ao curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para que os discentes da área da saúde auxiliassem os professores a responder certas perguntas feitas pelos alunos. A partir da utilização da dinâmica “caixa de perguntas”, na qual os alunos escreviam dúvidas que tinham sobre a sexualidade, foi identificado que os estudantes entre 9 e 11 anos apresentavam dúvidas sobre gravidez, mudanças corporais, sistemas reprodutores e menstruação (MANTOVANI *et al.*, 2014).

⁴ O termo transversalidade se refere ao modo de trabalhar o conhecimento através de uma visão mais ampla, uma compreensão abrangente na qual é possível, dentro da prática educativa, estabelecer uma relação entre aprender os conhecimentos teoricamente sistematizados sobre a realidade e as questões da vida real (BRASIL, 1997).

Após este primeiro contato em 2011, a pesquisa sobre sexualidade neste ambiente teve continuidade, resultando na produção de Dreyer (2014), que identificou junto aos professores os temas mais difíceis de serem trabalhados: homossexualidade, masturbação e violência sexual, tendo também dificuldades para responder sobre ato sexual, camisinha, gravidez e aborto.

Este assunto também culminou na dissertação de Meneghetti (2016) sobre as principais dificuldades, crenças e atitudes relatadas pelos professores do quinto ano para implementação da educação sexual em sala de aula. A autora identificou que os temas que geram mais desconforto para ministrar são sexo oral, sexo anal, masturbação, prazer sexual e orgasmo. Entretanto, uma das limitações apontadas pela autora é a de que não foi questionado aos professores quais desses assuntos deveriam ser trabalhados no quarto e quinto ano.

Outro aspecto trazido pela pesquisa de Meneghetti (2016) se refere à crença dos professores de que a educação sexual deveria ser iniciada desde o quarto ano do Ensino Fundamental. Mais um aspecto que reforça a importância do trabalho com professores dos anos iniciais diz respeito ao fato do quinto ano ser o último no qual os alunos se encontram no Ensino Fundamental I, e conforme a Lei nº 11.274 de fevereiro de 2006 preconiza, a partir do sexto ano esses estudantes precisam se adaptar à uma nova realidade na qual há troca de professores conforme a disciplina estudada, o que diminui a possibilidade de construir vínculos mais profundos devido à redução de interação e contato, diferente do que ocorria até o ano anterior, quando possuíam apenas um professor para todas as disciplinas (ANDRADE, 2011).

Neste contexto de pesquisas sobre sexualidade no município, entra o interesse da autora no desenvolvimento deste estudo, motivação que foi construída ao longo de sua experiência como acadêmica de Psicologia e anos mais tarde, em sua atuação profissional. Logo no primeiro ano da graduação ao cursar a disciplina de Entrevista Psicológica, deparou-se com uma situação de abuso sexual de uma criança, e nos anos finais da graduação, mais situações envolvendo a sexualidade (abuso sexual e homossexualidade) foram percebidas na fala de pacientes da clínica escola em que realizava estágio. Enquanto psicóloga formada, decidiu participar de grupo de extensão sobre sexualidade de uma Universidade Federal coordenado por uma médica obstetra que realizava ações sobre sexualidade em escolas estaduais, para alunos do Ensino Fundamental II. Tais experiências culminaram na busca por

mais informações sobre sexualidade e aprimoramento profissional e acadêmico nesta área, resultando na presente pesquisa de mestrado.

Diante do contexto apresentado, esta pesquisa teve como objetivos: propor e avaliar a efetividade de um programa de ensino sobre Educação Sexual para professores do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental I da cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à produção de mudanças indicadoras de melhora no nível de conforto e capacidade necessários para ministrar esse conteúdo nos anos iniciais e identificar quais componentes do programa são avaliados pelos professores como efetivos para a melhora no nível de conforto e capacidade necessários ao trabalho com educação sexual na faixa etária de 9 a 11 anos.

Para atender aos aspectos apontados nos estudos anteriores realizados com os professores do Ensino Fundamental I público de Foz do Iguaçu, o modelo de Programa de Ensino proposto incluiu os conteúdos apontados tanto por crianças quanto professores e avaliou se o formato desse Programa produziu mudanças indicadoras de melhora no nível de conforto e capacidade necessários para ministrar esses conteúdos nos anos iniciais. Verificou-se que este modelo mais enxuto com três horas de duração e baseado na técnica de *role playing* atende as necessidades específicas dos professores que atuam com crianças na faixa etária entre 9 a 11 anos e é uma alternativa viável para mudança no nível de conforto e capacidade para lidar com temas da sexualidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Serão apresentados no referencial teórico alguns conceitos relativos à sexualidade na infância e adolescência, educação sexual na escola, programas de ensino e formação continuada, bem como relatos de pesquisas envolvendo a formação de professores sobre o tema sexualidade extraído de um levantamento de pesquisas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

2.1 Sexualidade na Infância e Adolescência

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) utiliza o termo criança para designar pessoas até 12 anos incompletos e a nomenclatura adolescente para se referir a indivíduos entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2010). Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera adolescentes os indivíduos dos 10 aos 19 anos de idade (WHO, 2015).

A sexualidade na criança é uma característica natural, embora seus aspectos sociais e culturais sejam desenvolvidos desde suas primeiras experiências afetivas com a mãe. Nunes (2006), assim como outros autores (FLORES, 2004; ALCASO, 2009; PAULOS; VALADAS, 2015) afirmam que as primeiras experiências do sujeito vividas na infância influenciarão as próximas etapas do seu desenvolvimento. Desta forma, a sexualidade, como característica intrínseca ao indivíduo desde seu nascimento, é considerada elemento essencial à saúde e à qualidade de vida, devendo ser vivida de forma completa e saudável já desde a infância.

Na adolescência, a sexualidade toma outra proporção. De acordo com Gurgel *et al.* (2008), é na adolescência que as pessoas constroem valores que repercutirão em sua vida e suas escolhas, trazendo consequências e gerando impacto em suas trajetórias. O próprio termo “*adolescência*” vem do latim “*adolescere*” ou “*adolescentia*” que significa “*fazer-se homem ou mulher; crescer para a maturidade*” (GARIOLI, 2014).

É em meio a esta fase de alterações físicas, psicológicas e sociais, que segundo Ferreira e Nelas (2006), ocorre o despertar da sexualidade de uma maneira diferenciada. Tanto o conceito, quanto a vivência da sexualidade envolvem o sexo, identidade, gênero, orientação sexual, prazer, intimidade e reprodução humana,

expressadas através de pensamentos, crenças, atitudes, comportamentos e relações entre os indivíduos (OMS, 2002).

É esse o conceito de sexualidade adotado nesta pesquisa, o de que a sexualidade abrange várias expressões, não se restringindo ao ato sexual nem a apenas órgãos genitais e outros aspectos biológicos (MAIA, 2011). Considera-se que a sexualidade envolve fatores sociais e emocionais, estabelecendo-se por meio das relações humanas e com o ambiente, transformando-se em algo único em cada pessoa.

Assim, a sexualidade envolve a afetividade, o carinho, o prazer, o amor, o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade, ao mesmo tempo em que abarca valores e as normas morais que cada cultura estabelece sobre o comportamento sexual (FIGUEIRÓ, 2006). Engloba também sexo e gênero, cujos conceitos são confundidos e muitas vezes tomados como sinônimos.

Para Flores (2004), sexo está relacionado a divergências anatômicas, fisiológicas, hormonais, genéticas, ou seja, aspectos biológicos entre macho e fêmea. Este pensamento é corroborado por Heidari *et al.* (2017) que afirma que a terminologia sexo diz respeito a atributos biológicos que envolvem desde a formação cromossômica, hormonal até a anatomia de um indivíduo. Já a palavra gênero, que emergiu no contexto social por meio dos movimentos feministas, refere-se a diferenças percebidas entre os sexos no que tange ao desempenho de papéis, comportamentos e identidades socialmente construídas (LOURO, 2011; SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDON, 2014; HEIDARI *et al.*, 2017).

É possível realizar propostas que trabalham a Educação Sexual no âmbito da Educação, pois, nesse cenário, a escola é considerada um locus privilegiado para a valorização da diversidade de expressões de sexualidade, além de sua reconhecida função social de promoção da cidadania. Alguns discursos morais, religiosos e biomédicos negam a existência da sexualidade na infância e deslegitimam-na na adolescência, mas isso não muda a sua presença objetiva e subjetiva na escola como um marcador identitário, tanto de crianças, quanto de adolescentes (GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015).

A saúde plena das crianças depende também de um desenvolvimento saudável da sexualidade e o respeito à manifestação da sexualidade é um direito da criança. Segundo Yano e Ribeiro (2011), “privar uma criança do exercício de sua

sexualidade e do acesso à informação é violar um direito necessário ao seu desenvolvimento”. Cabe ao adulto, no papel de educador, assegurar esse direito, fornecendo informações apropriadas, identificando como ela apreende essas informações, e desenvolvendo práticas educativas que suprimam compreensões equivocadas sobre a sexualidade. As autoras reforçam que uma criança mal informada está mais vulnerável a riscos como aliciamento de outra pessoa e banalização de situações violentas porque não as reconhecem como tal.

Ao refletir o direito ao desenvolvimento da sexualidade e a informação compatível à idade, há que se considerar o atual contexto brasileiro que ampliou o Ensino Fundamental obrigatório para nove anos. De acordo com o Ministério da Educação (2009), crianças de nove anos que anteriormente frequentariam a terceira série passam agora para o quarto ano enquanto que o quinto ano recebe alunos com 10 anos de idade que anteriormente estudavam na quarta série, séries que incluem temas de sexualidade no currículo escolar.

Tendo em vista que quem frequenta o quarto e quinto ano no Brasil é considerado “criança” pela lei brasileira, este trabalho adotará esse termo para se referir aos estudantes de 9 a 11 anos inseridos no quarto e quinto ano das escolas de Ensino Fundamental e cujos professores foram alvo do Programa de Ensino proposto.

Professores do quarto e quinto ano que trabalham com crianças nesta faixa etária devem estar atentos e se informar sobre as características dessa fase púbere, visto que seus alunos provavelmente estarão passando por ela (GROFF, 2015). O período da pubescência precisa ser entendido como parte do ciclo da vida, como uma transição pela qual as crianças passam na entrada para a adolescência.

A puberdade é um fenômeno biológico que registra as modificações físicas e corpóreas do crescimento e amadurecimento humano e diferentemente, a adolescência é percebida como um fenômeno social e cultural (MAIA, 2003). Na puberdade, os corpos, antes infantis, começam a comportar mudanças vinculadas à sexualidade, o que leva as crianças a ficarem mais curiosas sobre esse assunto e trazer suas perguntas para a escola e para seu professor (CAMPOS, Cassiane, 2015), tornando este momento propício para abordar a Educação Sexual de maneira mais sistematizada.

2.2 Educação sexual na escola

A partir da conceituação da sexualidade e do reconhecimento de sua importância no desenvolvimento das crianças e adolescentes, cabe discutir e definir os termos adotados na literatura para a Educação Sexual. O PCN (BRASIL, 1997) utilizou o termo “orientação sexual” para se referir ao trabalho de informação e formação sexual na escola. Esse documento busca sistematizar a ação pedagógica da escola para tratar questões relacionadas à sexualidade, sendo que seu texto alude à processos formais, planejados e sistematizados sobre sexualidade a serem realizados no contexto escolar de modo transversal, problematizando, levantando questionamentos e ampliando o conhecimento do aluno para que ele próprio escolha seu caminho (BRASIL, 1997).

No entanto, pesquisadores recentes reforçam que o termo orientação sexual não é mais adequado, pois seu emprego atual refere-se à “atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente por outra” (BRASIL, 2004), ou seja, relaciona-se ao “sexo ou gênero que constitui o objeto de desejo de uma pessoa” (SILVA; FREITAS, 2016). Neste sentido, recomenda-se uma mudança na terminologia, uma vez que a expressão orientação sexual pode gerar ambiguidade na compreensão. Figueiró (1996) e D’Andrea (2014) reforçam o argumento sobre a não utilização do termo orientação sexual, porque, mesmo se usado no sentido educacional, apresentaria uma conotação de passividade, de que o indivíduo apenas receberia informações que deveriam ser apreendidas.

Em contraponto, educação sexual é o ensino sobre a anatomia e psicologia da reprodução humana e demais aspectos do comportamento que se relacionam ao sexo. O termo designa toda ação e informação recebida sobre sexualidade desde o nascimento que direciona os comportamentos e pensamentos, sendo algo contínuo e resultante de influências culturais (RIBEIRO, 2005). Neste trabalho se utilizará apenas o termo educação sexual por se adotar a concepção de que o indivíduo é sujeito ativo na sua aprendizagem e não simples receptor de orientações (FIGUEIRÓ, 1996).

Ao compreender que a educação sexual é algo contínuo e que ocorre desde a tenra idade, Figueiró (2010) identificou que existem diferentes abordagens, ou seja, concepções teóricas, que podem ser adotadas na educação sexual. De maneira

bastante simplificada, pois não é objetivo deste trabalho esmiuçá-las, segue uma apresentação das mesmas:

- a) Religiosa Tradicional – vincula o sexo à procriação e casamento, condicionando a vivência da sexualidade à submissão aos padrões religiosos, “é aquela que promove a educação para a castidade/virgindade e para a orientação do sexo ao serviço do amor, da doação” (FIGUEIRÓ,2010);
- b) Religiosa Libertadora – possibilita ao indivíduo ser dono da própria sexualidade, sem sentir-se culpado por “transgredir” as normas oficiais do comportamento sexual. Figueiró (2010) comenta ainda que essa atitude religiosa libertadora resgata o direito ao prazer, valoriza a informação e o debate sobre sexualidade;
- c) Médica – enfatiza a visão saúde *versus* doença, fornecendo informações preventivas de saúde pública e tratamento de “desequilíbrios sexuais”, procura compreender os fatores pessoais, familiares e socioculturais que interferem na sexualidade da pessoa e/ou casal na tentativa de superar as dificuldades;
- d) Pedagógica – apresenta foco voltado ao ensino-aprendizagem de conteúdos da sexualidade para o desenvolvimento das pessoas, valorizando o papel das informações e discussão de dúvidas, valores, sentimentos e tabus;
- e) Emancipatória – objetiva vivências positivas e saudáveis da sexualidade, comprometendo-se com as questões de transformações sociais, direitos humanos, direitos sexuais, direitos reprodutivos e construção de cidadania.

As diversas situações envolvendo sexualidade presentes no cotidiano são abordadas de acordo com uma ou outra perspectiva e isso influencia na construção e formação das pessoas. Ao tomar consciência disso, a proposta desta pesquisa baseia-se em uma concepção teórica pedagógica da educação sexual no sentido de apresentar conteúdos aos professores que participaram do Programa de Ensino, estimulando que a sexualidade seja vista por eles como algo natural e saudável (FURLANI, 2012; FIGUEIRÓ, 2014).

Outro aspecto envolvendo a terminologia educação sexual diz respeito à sua divisão em formal e informal (FIGUEIRÓ, 2006). Para ser classificada como

educação sexual formal é necessário que a situação em questão possua finalidade, intencionalidade e objetivos bem delimitados (CALADO, 2011). A educação informal engloba ações não sistematizadas que exercem influência sobre as opiniões, valores e comportamentos das pessoas. Duarte (2012) afirma que a família, mídia, grupos sociais, professores e até mesmo a escola realizam a educação sexual informal quando não há um caráter intencional.

De acordo com Alcaso (2009), o objetivo central da educação sexual é promover a aceitação da própria sexualidade e vivenciar relações interpessoais equilibradas e satisfatórias. Logo, seja ela formal ou informal, é imprescindível que produza reflexões críticas e se estabeleça de modo efetivo.

Pensar sobre o papel da escola neste contexto, passa pela concepção de que este espaço social é primordial na formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Com este objetivo, o trabalho com temas emergentes no âmbito social, como a sexualidade, por meio de estratégias didáticas que vislumbrem o aprendizado significativo é fundamental (VIEIRA, 2016). A inserção do tema orientação sexual como tema transversal nos PCN, como já discutido neste texto é um exemplo das tentativas de atender essa demanda (BACCO JUNIOR, 2009; PERDOMO JUNIOR, 2015).

Neste sentido, apesar de algumas críticas aos PCN, sua importância ao apoiar o desenvolvimento de ações de educação sexual no contexto escolar é inegável (VIEIRA, 2016). Sabe-se também que o ambiente escolar é um local repleto de manifestações da sexualidade e tendo em vista que um dos papéis atribuídos à escola diz respeito à construção de novas aprendizagens e conhecimentos, existe a possibilidade de proporcionar discussões sobre esta temática (HAMPEL, 2013).

Para que ações envolvendo este tema sejam bem-sucedidas na escola, o professor precisa rever seus pré-conceitos e refletir sobre sua própria educação sexual de maneira a perceber se sua postura diante da sexualidade é a mais adequada para estimular o desenvolvimento saudável de seus alunos. Para tanto, formações envolvendo o tópico sexualidade são necessárias e imprescindíveis, tanto no quesito informação, quanto no desenvolvimento de habilidades para abordar este assunto na sala de aula (SPAZIANI; MAIA, 2015).

As ações de educação sexual na escola devem esclarecer as dúvidas e satisfazer a curiosidade infantil sobre sexualidade primando por informações corretas, linguagem adequada à idade, respostas simples e claras, à altura do

entendimento da criança (NUNES; SILVA, 2000). Além disso, é importante refletir que o silêncio também é uma forma de educação sexual que reforça a repressão e o tabu sobre este tema.

Estudos mostram que a maior fonte de preocupação de pais e educadores no que tange à sexualidade envolve componentes biológicos e comportamentos de risco (REATO, 2006). Este pensamento é corroborado por Bonfim (2009) ao comentar que a educação sexual nas escolas brasileiras ainda está baseada em uma perspectiva biologistica, concentrando suas intervenções no corpo fisiológico e anatômico. Diante disso, a reflexão acerca de outros aspectos da educação sexual é imprescindível para o pleno desenvolvimento dos alunos, ou seja, pensar e falar sobre sexualidade não pode desconsiderar elementos como afetividade e prazer. A seguir, serão apresentadas pesquisas sobre formação continuada de professores e sua relevância quando o assunto diz respeito à sexualidade.

2.3 Programas de Ensino e Formação Continuada

Embora existam algumas propostas de Programas de Ensino na área da sexualidade para alunos, professores e demais profissionais da saúde, pouco se encontra na literatura sobre como foram executados e as diretrizes para sua elaboração. Na maioria das vezes o que existe são artigos que relatam a má qualidade das informações divulgadas sobre os programas, que não permitem sua replicabilidade, isso porque falta rigor científico nesses estudos (ECHER, 2005). Por outro lado, programas de ensino podem fazer parte da formação continuada, principalmente na área educacional no que tange ao aprimoramento profissional de professores.

O conceito de programação de ensino contempla todo processo de ensino-aprendizagem, desde a proposição dos objetivos relevantes para o aprendiz e seu contexto social, incluindo toda a preparação, aplicação, avaliação e melhorias do processo de aprendizagem através dos procedimentos de ensino que visam o desenvolvimento de comportamentos relevantes (CARVALHO, Gislayne, 2015). Além disso, a programação de ensino é uma metodologia eficaz à formação de professores devido à importância do estabelecimento de objetivos de ensino para esse processo.

Já a formação continuada é entendida como toda ação que favoreça reflexão, conhecimento, debate e trocas visando o aprimoramento profissional (GATTI, 2008). Corroborando esta definição, André (2009) aponta que programas de formação contínua promovem o desenvolvimento e a atualização profissional, estimulando uma prática condizente com a realidade social. Assim, Programas de Ensino inserem-se no contexto maior da formação continuada.

O planejamento de um Programa de Ensino começa pela busca na literatura especializada do conhecimento científico existente sobre o assunto (ECHER, 2005), passa pela definição de quais comportamentos pretende-se promover como resultado da intervenção (CORTEGOSO; COSER, 2016), para que se chegue à descrição clara dos componentes e conteúdos selecionados.

Para essas autoras (CORTEGOSO; COSER, 2016), um Programa de Ensino é sempre uma proposta de intervenção que precisa ser avaliada quanto à sua eficácia para alterar a situação-problema que o originou. Por isso torna-se relevante a seleção de quais informações realmente são importantes para constar no programa, porque ele precisa ser objetivo, não pode ser muito extenso, deve dar uma orientação significativa sobre o tema a que se propõe e ser ministrado em linguagem acessível ao público-alvo.

Outro aspecto apontado pelas mesmas autoras é que a elaboração do Programa deve passar por critérios como descrição da situação-problema, conhecimento de características dos possíveis participantes, bem como o repertório de habilidades e conhecimentos necessários para submeter-se ao Programa e formulação dos objetivos a serem alcançados.

No que diz respeito à descrição inicial do problema, a identificação e caracterização das necessidades de aprendizagem para formatação de um Programa de Ensino devem visar a atenuação ou resolução da situação-problema em questão. Outro item importante na elaboração de um Programa de Ensino são os critérios de avaliação na qual os participantes têm a oportunidade de avaliarem a si mesmos, o trabalho do coordenador e das atividades realizadas (CORTEGOSO; COSER, 2016). É importante em ciência de que todo Programa de Ensino seja conferido empiricamente e melhorado constantemente.

A maioria dos Programas de Ensino em sexualidade no âmbito escolar são direcionados aos alunos, crianças ou adolescentes, deixando de fora os professores, que muitas vezes não tiveram uma educação sexual adequada nem viram este

conteúdo durante sua formação profissional (BACCO JUNIOR, 2009). Talvez isso explique a tendência por parte de alguns professores em abordar a sexualidade de uma perspectiva médico-biologizante, que em parte também pode ser atribuída à falta de conhecimento científico sobre o tema, bem como por receio das reações dos pais e dos próprios alunos (MARTINS, 2011).

Pensando em formação sobre sexualidade para professores, Figueiró (2014) expõe a importância de identificar os posicionamentos, opiniões e conhecimentos dos professores sobre a educação sexual para que uma formação possa contribuir de maneira efetiva a partir do levantamento destes dados. Além disso, estudos demonstram que a formação específica na área da sexualidade faz com que os professores tenham comportamentos mais assertivos e atuem de modo mais positivo (PAULOS; VALADAS, 2015).

Logo, um Programa de Ensino em Educação Sexual para professores deve considerar a experiência pessoal, história de vida dos professores, suas realidades e necessidades, baseando-se em um modelo reflexivo de formação (FIGUEIRÓ, 2014; PERDOMO JUNIOR, 2015). Tal método considera que aspectos pessoais e profissionais estão interligados e que podem ser desenvolvidos quando a pessoa passa a refletir sobre seu percurso pessoal, ressignificando sua própria sexualidade, sentimentos, atitudes e valores (FIGUEIRÓ, 2004).

Neste sentido, desenvolver uma proposta de formação continuada baseada nas necessidades previamente identificadas pode contribuir para o aprimoramento profissional de professores e auxiliá-los em sua atuação cotidiana. Vale ressaltar o pensamento de D'Andrea (2014) quando relata que processos de formação não têm a pretensão de superar falhas, mas focam em aumentar potencialidades e as possibilidades de trabalho.

Para a elaboração do Programa de Ensino proposto nesta dissertação, optou-se por realizar uma revisão sobre os estudos já desenvolvidos acerca de formações sobre sexualidade para professores. O levantamento dessas pesquisas foi realizado através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Optou-se por efetuar o levantamento nesta base de dados, uma vez que o objetivo era recuperar pesquisas na íntegra, que pudessem trazer informações detalhadas sobre o formato da capacitação/Programa de Ensino, assim como meios e resultados de avaliação de tais programas.

2.4 Pesquisas sobre Programas de Ensino na área de Educação Sexual

A revisão de literatura foi realizada no site da BDTD, por meio das palavras-chave: “Educação sexual”; “Professor”; “Formação”, delimitando-se a produção na área referente aos últimos 10 anos, ou seja, de 2007 a 2017. Esta busca retornou em 160 resultados, dos quais quatro pesquisas estavam duplicadas. Logo, o resultado total foi de 156 trabalhos.

Foram selecionadas 20 pesquisas para revisão por apresentarem relatos de programas, formações continuadas ou capacitações para professores em algum tema da sexualidade, que serão apresentados de acordo com a ordem cronológica. Debruçar-se sobre a produção na área permitiu elencar pontos de atenção para a elaboração do Programa de Ensino proposto e avaliado neste trabalho.

A primeira pesquisa se refere ao doutorado de Maciel (2009), cujo objetivo consistiu em analisar os pressupostos contidos no projeto “Viver nas aldeias com saúde – conhecer e prevenir DST/AIDS”, realizado com 20 discentes do curso de formação de professores Kadiwéu e Kinikinau⁵ do Mato Grosso do Sul - MS durante um período de quatro meses. Este trabalho foi realizado em um contexto bem específico que são as comunidades indígenas e houve relato detalhado das oficinas realizadas.

Os principais temas centravam-se no conhecimento e prevenção de DST e AIDS, comportamento sexual e gênero, dimensões afetivas, conhecimento do corpo e métodos contraceptivos, além do trabalho das nomenclaturas dos órgãos genitais na cultura indígena. Alguns dos resultados encontrados nessa tese foram que ainda há dificuldade para discutir sexualidade no contexto escolar visto que os professores expressam dificuldades emocionais para abordar esse assunto com seus alunos, também apontaram como falhas na organização das oficinas a falta de materiais específicos e pouco tempo para discussão do tema. A autora ainda ressalta a necessidade de um projeto pedagógico sistematizado que contenha aspectos da cultura indígena, ou seja, que estabeleça diálogo entre educação preventiva e cultura e que não se torne apenas programas esporádicos.

Já a pesquisa de Cisotto (2010) discutiu a formação continuada de professores sobre a educação para sexualidade em uma escola pública do

⁵ Grupos indígenas.

município de Diadema – SP. O projeto desenvolvido teve várias vertentes e diferentes público-alvo: crianças, adolescentes e professores. Por meio de um questionário, os alunos da sétima e oitava série elencaram interesse no tema relação sexual e DST. O trabalho realizado com os professores foi um processo de formação envolvendo 29 educadores da escola onde realizou o projeto, dividindo-os em dois grupos, cujos encontros eram quinzenais e ocorreram durante um semestre, o pesquisador verificou a concepção de sexualidade, sexo e educação sexual dos participantes dos encontros.

A pesquisa trouxe como apêndice os materiais disponibilizados em *slides* do encontro de formação dos professores onde foi possível verificar que o primeiro encontro foi iniciado com perguntas pessoais aos professores (“meu primeiro dia de magistério”; “o que mais me atrai na prática educativa”). Ainda, houve disponibilização do projeto elaborado para trabalhar a temática sexualidade com os alunos. Os resultados da pesquisa mostram que, apesar da escola estudada não ter um projeto explícito de educação sexual, existem ações planejadas sobre o tema, mas que necessitam de mais estruturação e envolvimento de mais professores. Ressalta que os professores ainda carecem de formação adequada sobre sexualidade e que a formação continuada de professores é um desafio quando se trata do tema sexualidade, no que tange à produção de novas habilidades e competências para trabalhar este assunto, reforçando que os professores precisam ampliar e aprofundar seus conhecimentos sobre o tema.

A dissertação de Martin (2010) teve como objetivo verificar o significado que 13 professoras da rede municipal de educação de Presidente Prudente - SP atribuíram ao curso de ensino a distância (EAD) sobre Sexualidade e Adolescência intitulado “Conversando sobre sexualidade adolescente”, com duração de 60 horas e organizado pela Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC. A pesquisa apresentou os conteúdos do curso a distância, a carga horária, algumas atividades como *chats*, indicação de filmes e leituras complementares realizadas, porém não houve outros detalhes do curso. Entre os conteúdos ministrados encontravam-se: conceitos de adolescência, puberdade, construção da identidade adolescente, manifestações da sexualidade adolescente, conceito de educação sexual e algumas experiências pedagógicas.

Todas as professoras apontaram que o curso trouxe contribuições relevantes para sua prática profissional e desenvolvimento pessoal. Uma das participantes

relatou a importância do curso para promover a discussão sobre educação sexual que não teve durante sua formação inicial. Outra professora apontou que o curso permitiu refletir sobre sua atuação pedagógica. Nesta perspectiva, Martin (2010) destacou que a formação inicial de professores não atende à necessidade de trabalhar a temática da sexualidade. Os resultados mostraram que as professoras se sentiram fortalecidas para abordar a sexualidade, se conscientizaram do seu papel enquanto educadora sexual de seus alunos e perceberam que o curso contribuiu para algum tipo de mudança de postura com os alunos.

Já o objetivo da tese de Moizes (2010) foi levantar o significado de alunos e professores sobre a sexualidade articulada no ambiente escolar tendo em vista o planejamento de um programa educativo. Tratou-se de uma pesquisa-ação realizada em escola estadual de Ribeirão Preto – SP com seis professores e 44 alunos. Houve levantamento das necessidades, categorização dos dados, planejamento do programa educativo em conjunto com os participantes e relato sobre as intervenções educativas tanto para os professores quanto para os alunos. Os **temas geradores**⁶ identificados na coleta com os educadores foram: adolescência, *bullying*, autoestima, **sexualidade**, **sexo**, **educação sexual**, materiais didáticos e transversalidade. No que tange às temáticas elencadas pelos alunos, verificou-se **noções de corpo**, **puberdade**, **mudanças e crescimento**, **menstruação e gravidez**, *bullying* e autoestima, gênero, afetividade, sexualidade/sexo na adolescência e **educação sexual**.

Ainda, a Moizes (2010) relata que optou por partir dos temas mais abrangentes para os específicos onde cada conteúdo contava com os seguintes elementos: tema, objetivo, conteúdo programático, metodologia de ensino e avaliação. Como o presente levantamento se refere às formações realizadas com professores, cabe apontar apenas a intervenção realizada com os educadores que contou com carga horária total de 16 horas.

No que tange à avaliação, pontuou-se três tipos: contínua (com a participação dos professores), formativa (relatórios e questionários) e somativa (junção de todos os critérios previamente estabelecidos). Para esta revisão é válido apontar que a pesquisa de Moizes (2010) abrangeu uma amostra pequena de professores em sua capacitação, apenas seis de uma mesma instituição de ensino.

⁶ Grifos da autora sobre alguns dos temas elencados na tese de Moizes (2010) que foram similares aos conteúdos do Programa de Ensino proposto nesta pesquisa.

Enquanto isso, a pesquisa de Santos (2011) teve como objetivo verificar o conhecimento de graduandos de cursos de licenciatura da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente – SP, sobre violência sexual infanto-juvenil, pela aplicação de um programa de intervenção junto aos licenciandos e avaliação anterior e posterior à capacitação. O programa proposto teve duração de 18 horas divididas em seis encontros e contou com a participação efetiva de 22 pessoas. Houve aplicação de questionários⁷ pré e pós intervenção, sendo que os resultados apontaram diferenças estatisticamente significativas para os itens específicos de exploração sexual ($p=0,04$) e os itens não específicos ($p=0,03$), enquanto que não retratou diferença estatisticamente significativa nos itens específicos⁸ sobre abuso sexual ($p=0,51$), ou seja, somente o conteúdo de exploração sexual obteve resultados significativos e a autora mostrou a necessidade de intervenções mais prolongadas sobre os indicativos de violência sexual. A análise de desempenho dos participantes mostrou mudanças entre o momento pré e após a intervenção, sendo que houve mais alterações nos discursos sobre atitudes do que em torno do conhecimento dos participantes.

A pesquisa de Severo (2011) foi realizada em Belo Horizonte – MG e contou com 27 participantes e teve como objetivo discutir como questões relacionadas ao gênero e sexualidade são processadas por um grupo de discussão. O processo formativo foi realizado em oito encontros, dos quais 40 pessoas participaram, mas apenas 27 preencheram o questionário de caracterização aplicado na pesquisa. Os participantes apontaram que as temáticas gênero e sexualidade devem ser discutidas na escola, por ser algo inerente ao ser humano, ressaltando a discussão para temas como doenças, preconceito e discriminação. Durante os encontros, houve questionamento sobre o que os professores entendiam por sexualidade, se já haviam vivenciado casos de homossexualidade e sobre preconceito na escola. O planejamento e as atividades realizadas foram descritos e nos resultados da pesquisa ressaltou-se a importância do debate em grupos de discussão de maneira periódica porque a realidade é algo em constante transformação. O autor comenta ainda a importância de formações para os profissionais de educação com o objetivo

⁷ O instrumento Indicadores de Abuso Sexual (IAS, 2001) e o Exercício sobre atitudes frente a situações de violência sexual foram aplicados no início e no final da intervenção. O Questionário com questões abertas sobre o impacto do programa de intervenção nos participantes foi aplicado apenas após a formação.

⁸ Itens específicos são aqueles que apresentam forte indicativo da ocorrência de situações de violência sexual.

de ampliar suas compreensões sobre sexualidade e possibilitar intervenções mais significativas com seus alunos.

O estudo de Barreto (2012) objetivou refletir sobre gênero e diversidade nas políticas públicas de educação no Brasil. Para isso, utilizou o curso piloto “Gênero e Diversidade na Escola” (GDE) realizado em 2006, que ofertou 1.200 vagas para professores do ensino fundamental de seis municípios brasileiros (Dourados – MS; Niterói – RJ; Nova Iguaçu – RJ; Maringá – PR; Porto Velho – RO; Salvador – BA), do qual foram analisados 60 memoriais entregues como avaliação final dos participantes do curso. O GDE teve uma etapa presencial de 30 horas e outra *online* com 170 horas, que consistiram em: Seminário Local para apresentar objetivos, metodologia e o conteúdo do curso, Treinamento e ambientação na plataforma *online*, Abertura, Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual, Relações Étnico-Raciais e Avaliação. A avaliação realizada a partir do memorial consistia na elaboração de um texto pelo cursista, refletindo sobre a sua trajetória do curso a partir de quatro questões norteadoras. Foi possível perceber que o conteúdo dos memoriais refletiu os conceitos estudados durante o curso e que os participantes consideraram importante relatar a própria experiência no curso.

Outro trabalho sobre o curso GDE foi de Cerqueira (2012), cujo objetivo foi analisar os discursos e práticas sobre educação em sexualidade na escola mediante investigação dos materiais produzidos por cursistas do GDE no ano de 2010. Para tanto, analisou-se os registros escritos na plataforma *online* de duas turmas do curso ocorrido em 2010 no Rio de Janeiro, buscando identificar as concepções prévias dos participantes e possíveis conflitos com o conteúdo proposto pelo curso. Os grupos selecionados contavam em média com 40 participantes cada, a maioria deles possuía ensino superior. A autora afirma que um efeito identificado com o significativo número de cursistas se refere ao reconhecimento do próprio preconceito em ações envolvendo a sexualidade no contexto escolar. Ao final, todos os cursistas avaliaram o curso de uma maneira positiva, destacando a qualidade do material, a riqueza do debate *online*, entre outros aspectos. Tais avaliações levaram à conclusão de que um curso *online* pode ser utilizado para formação continuada de professores desde que compreenda uma perspectiva crítica e dialógica.

A pesquisa de Tadielo (2013) teve como objetivo pensar sobre os discursos de professores e futuros professores a respeito da sexualidade. Para isso, retratou oficinas realizadas com 11 acadêmicos de Ciências Biológicas da Universidade

Federal de Santa Maria (UFSM) e 18 professores de uma escola estadual em Santa Maria - RS. As oficinas ocorreram em dois encontros para os professores e três dias para os acadêmicos nos quais foram trabalhados trechos do filme “O Beijo no Asfalto”, reportagens envolvendo a sexualidade em contextos sociais, trechos da obra “Mulheres que amam demais”, recursos audiovisuais do kit escola sem homofobia e um curta metragem sobre o depoimento de homossexuais. Entretanto, não houve relato de quantas horas ao total foram necessárias para capacitação e a dissertação não apresenta avaliação pré e pós das oficinas, sendo que houve apenas o relato das mesmas.

A tese de D’Andrea (2014) apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) objetivou analisar as iniciativas de formação de educadores para o trabalho de educação sexual na rede municipal de Belo Horizonte – MG entre o período de 1989 a 2009. Nesta pesquisa foi possível identificar várias ações, como por exemplo, o Núcleo de Educação Afetivo Sexual (NEAS), iniciativa de várias escolas para a formação continuada de seus colaboradores através de estudos e reflexão coletiva sobre a prática profissional. Outro ponto diz respeito aos formadores do Centro de Aperfeiçoamento do Profissional da Educação (CAPE), que fundaram o Núcleo de Sexualidade no ano de 1993. A autora destacou que as propostas de formação se associavam às atividades sobre sexualidade no contexto escolar e que entre os anos de 1993 a 2000 ocorreram atividades de formação como cursos, seminários e participações em eventos realizados com os professores.

Outra formação relatada na pesquisa se refere ao Projeto Brasil de 1994, o qual proporcionou um curso de 16 horas abordando temas como corpo, relações de gênero, prevenção das DST/AIDS, adolescência e gravidez na adolescência, além de temas específicos a necessidades e interesses dos grupos. Foram identificados os seguintes temas abordados nas capacitações: sexo seguro e AIDS, DST, sexualidade e corpo, gravidez na adolescência, sexualidade e gênero na escola, autoestima, entre outros.

A pesquisa também relata que nos anos 2000 surgiu o “Programa de prevenção BH de mãos dadas contra a AIDS” e o “Programa Saúde e Prevenção nas escolas” (SPE). Após formações de 80 horas com temas relacionados a drogas, violência doméstica e urbana, sexualidade, afetividade, gravidez não planejada, diversidade sexual e raça/etnia, foi solicitado aos professores que elaborassem

projetos de implementação visando à multiplicação da cultura de prevenção. Este processo de formação foi avaliado através de questionário aplicado antes e após a formação. As perguntas avaliaram conhecimentos gerais sobre sexualidade, relações de gênero e conceitos, drogas e redução de danos, direitos humanos, violência sexual e doméstica, transmissão e prevenção de HIV e outras DST, percepções de vulnerabilidade, entre outros. Os professores investigados na pesquisa apontaram a dificuldade em trabalhar a sexualidade na escola.

Ainda na tese de D'Andrea (2014) foi comentado o projeto “Educação sem homofobia”, no qual a autora pontuou a presença de movimentos sociais no processo de formação, pautando o conteúdo proposto na formação. Pela análise desta tese foi possível perceber que os programas estudados na pesquisa tinham extensa carga horária (com no mínimo 20 horas) e contavam com parcerias entre governos federais, estaduais e municipais. Como resultado de sua pesquisa, D'Andrea (2014) verificou que os processos de formação investigados não se enquadravam em apenas uma das abordagens categorizadas por Figueiró (2006) e Furlani (2012), mostrando o quanto as iniciativas de formação de professores são complexas e possuem nuances.

Outra pesquisa realizada com base no GDE diz respeito à tese de Pereira (2014), cujo objetivo foi analisar a influência do curso na prática pedagógica de professores de Ciências do Rio de Janeiro - RJ em relação à gênero e sexualidade. Foram entrevistados 12 professores que participaram do curso GDE e os resultados da pesquisa apontaram que estes professores lidavam com questões da sexualidade a partir dos acontecimentos no contexto escolar porque não existiam projetos para lidar com esta temática, os participantes comentavam a respeito da necessidade de formação continuada e a também sobre a falta de consolidação de iniciativas em sexualidade no contexto escolar. Ainda, constatou-se que as atividades desses educadores traziam o foco apenas em aspectos biológicos como reprodução e que enfrentavam rejeição e falta de apoio por parte de gestores, professores e dos próprios alunos sobre o tema.

Já a tese defendida por Quartiero (2014) teve como objetivo compreender como se reapresentam as marcas de verdade/preconceitos estabelecidas no campo da educação na implementação de política pública direcionada a mudar a atuação docente. Para isso, foram entrevistadas 31 pessoas, divididas em participantes do curso GDE, equipe do GDE da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e

coordenadores de polo a fim de ouvir sobre suas experiências e o que motivou sua presença no curso. Foi solicitado aos cursistas que avaliassem essa proposta de ensino a distância, sendo que uma das dificuldades relatadas foi lidar com a tecnologia e a plataforma *moodle*, tanto pelos cursistas quanto pela equipe de coordenação do curso. Outro resultado apresentado diz respeito à evasão do curso cujo principal motivo identificado foi o fato dos cursistas estarem realizando mais de um curso em EAD.

A dissertação de Ferreira (2015) apresenta como objetivo analisar a estrutura e conteúdo de cursos a distância sobre formação de professores em sexualidade. Para isso, realizou entrevistas com seis professoras responsáveis por cursos na área de sexualidade ministrados na modalidade a distância, apontando brevemente algumas informações sobre tais experiências. Uma dessas é intitulada “Tecnologias e Formação de professores: interfaces com a temática educação sexual”, vinculada a um programa de pós-graduação, composta por quatro módulos, cujo público-alvo foram professores, visando o entendimento de que o ser humano é sexuado e educado sexualmente em todas as suas relações, bem como a compreensão de conceitos atrelados à sexualidade.

Outra experiência trazida na dissertação de Ferreira (2015) se refere ao curso “Sexualidade e formação inicial: dos currículos escolares aos espaços educativos”, com duração de 40 horas e organizado por eixos temáticos: sexualidade, corpo, identidades de gênero e sexual. Esta experiência foi voltada para discentes de cursos de licenciaturas e não houve relatos sobre avaliação do curso.

O próximo curso estudado foi composto por alunos de Pedagogia do Estado de Santa Catarina e era intitulado “Reflexões e debates sobre as práticas educativas internacionais em educação sexual: questões e factos contemporâneos”, oportunidade de formação tanto inicial quanto continuada com 25 horas de duração, sendo semipresencial. Tinha como foco conhecimentos sobre sexualidade, HIV e respeito às diversidades. Houve aplicação de dois questionários de autoavaliação a respeito dos conhecimentos e atitudes sobre sexualidade, DST e AIDS, bem como um questionário de “Existência ou não de educação sexual e da sua importância”.

Já o quarto programa apresentado por Ferreira (2015) recebeu o nome de “Curso de extensão formação de educadores e educação sexual”, abrangendo uma carga horária de 40 horas cujo propósito era estimular os participantes a assumirem o papel de educadores sexuais de modo intencional e emancipatório. O curso GDE

também foi abordado na pesquisa, sendo selecionadas duas aplicações deste programa. Trata-se de uma sugestão de formação continuada para professores da Educação Básica proposta através da articulação entre órgãos governamentais e ofertada por várias universidades localizadas em estados brasileiros como por exemplo Rio Grande do Sul, Maranhão, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, São Paulo e tendo duração de 200 horas. Não foi relatado aspectos de avaliação do curso e suas temáticas centravam-se na sexualidade, diversidade, gênero, raça/etnia. Ferreira (2015) conclui que as experiências de formação em sexualidade têm contribuído para levar este conteúdo a vários estados brasileiros, mas que formações no âmbito da sexualidade têm pouca continuidade e acompanhamento, aspectos que dificultam avaliações a longo prazo. Ainda, afirma que os cursos devem “fornecer subsídios para que ocorra, de forma efetiva, a alteração das práticas pedagógicas” (FERREIRA, 2015).

Em sua pesquisa, Garcia (2015) objetivou analisar as experiências em gênero e diversidade sexual baseado em narrativas de professores que realizaram o curso GDE na cidade de Jaú - SP. Para tanto, verificou as discussões feitas no fórum e os memoriais entregues por 30 cursistas a fim de conhecer as marcas da experiência em gênero e diversidade sexual que esses professores mostraram durante o curso. Os resultados apresentados indicam que os conceitos do curso foram apreendidos em diferentes intensidades e de modo único por cada participante, reforçando que o curso GDE impulsionou a reflexão sobre a temática gênero e diversidade sexual. Outro resultado comentado pelo autor se refere à sua opinião de que um curso com extensa carga horária *online* e poucas horas presenciais não seja o formato ideal para potencializar práticas educativas em gênero e diversidade sexual, mas é capaz de aumentar o alcance geográfico do debate sobre este tema no país.

Outra pesquisa que se baseou no curso GDE foi a dissertação de Nunes (2015) cujo objetivo foi analisar os sentidos sobre gênero e sexualidade nos fóruns de discussão de duas disciplinas do curso a distância ofertado pela Universidade Federal de Goiás (UFG) no município de Catalão - GO. As matrizes curriculares dessas disciplinas foram descritas, sendo relevante para esta análise itens como: a sexualidade em constante construção, gênero, sexualidade e corpo. A avaliação foi realizada em três momentos: diagnóstico inicial a fim de identificar o que os cursistas pensavam sobre gênero e sexualidade, avaliação formativa a respeito da internalização das discussões sobre o tema e a avaliação final visando identificar a

compreensão sobre o tema e o propósito do curso realizado. Nunes (2015) destaca que os cursistas ressaltaram a possibilidade do curso GDE trazer visibilidade aos grupos sociais minoritários. Percebeu-se que apesar dos conteúdos trabalhados no curso, as falas dos professores ainda manifestavam estereótipos e preconceitos. Entretanto, declarou que a colaboração nos fóruns de discussão permitiu aos professores refletir sobre como tal temática é abordada no contexto escolar.

A pesquisa de Pinto (2015) objetivou analisar a educação sexual nas escolas públicas de Pernambuco - PE e que desenvolvem o Programa Travessia. Esse programa visa a redução dos altos índices de distorção idade-série, ou seja, alunos que não estão na série adequada para sua idade, e é composto por três módulos, dos quais é relevante apontar nesta revisão o intitulado Projeto sexualidade, com duração de 30 horas-aula. Os professores, para darem aulas neste programa, precisavam passar por capacitação que abordava conteúdos como valores, adolescência, mudanças no corpo, gênero, comportamento sexual, iniciação sexual, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, aborto, entre outros. Os entrevistados relataram que o curso é pontual e de curta duração (uma semana), e que o material foi apresentado superficialmente e, apesar de ser bem elaborado (embora não haja no trabalho uma descrição da capacitação realizada), não atende à linguagem dos alunos, assim como não contempla a realidade dos alunos no que se refere à sexualidade.

Ainda sobre o curso GDE, o trabalho de Silva (2015), teve como objetivo analisar o lugar que ocupam as questões de gênero e sexualidade na trajetória de vida dos professores que participaram do curso GDE no Maranhão - MA. Após entrevistar sete participantes, identificou-se que as vivências pessoais influenciaram na construção e manutenção do *habitus*⁹ dos entrevistados, foi possível perceber que as narrativas sobre diversidade sexual eram marcadas por preconceito e violências. Ainda, os participantes apontaram que o curso possibilitou aprendizagem de conhecimentos que pode auxiliar na mudança de atitudes diante das temáticas vistas no curso.

Já o estudo de Vieira (2016) teve como objetivo desenvolver uma proposta colaborativa de formação docente sobre educação sexual e Papiloma Vírus Humano

⁹ O termo *habitus* utilizado por Silva (2015) faz referência à Bourdieu e diz respeito aos modos de perceber, sentir e pensar que levam uma pessoa a se comportar de determinada maneira diante das situações.

(HPV) para professores de escolas públicas do município de Mariana - MG. O estudo contou em um primeiro momento com a participação de 41 professores que responderam ao questionário semiestruturado e quatro professores de Ciências que foram entrevistados. Em um segundo momento, a pesquisa contou com a participação de 12 professores na primeira etapa da proposta colaborativa. Inicialmente, houve aplicação de questionário para 41 pessoas na etapa de diagnóstico. Há apresentação da estrutura da proposta colaborativa que ocorreria ao longo do ano letivo com carga horária total de 26 horas, porém apenas a primeira fase, com duração de três horas foi aplicada, por questões de tempo e viabilidade, a pesquisadora aplicou apenas a primeira etapa, a de sensibilização, não realizando a avaliação posterior do programa.

Os conteúdos elencados no questionário prévio da pesquisa de Vieira (2016) foram: relações humanas e afetivas, subjetividades individuais e coletivas, saúde sexual, manifestações da vida sexual, contextualização histórica, cultural, social e política. A pesquisa apresentou a estruturação das cinco etapas da proposta (sensibilização, conceituação, aprofundamento teórico, troca de experiências e atividades práticas, fechamento e avaliação do processo). É possível perceber que esta proposta de formação contemplou a avaliação das etapas bem como o impacto da capacitação na prática desses professores.

O trabalho de Fachim (2017) teve como objetivo investigar os processos educacionais relacionados à gênero e sexualidade no que tange ao recorte LGBTT¹⁰ na escola pública. Referiu-se à uma proposta de educação sexual e gênero para professores, alunos e demais colaboradores de uma escola de Ensino Fundamental na cidade de São Paulo - SP. A intervenção realizada foi voltada principalmente para a temática LGBTT. A proposta para os professores teve dois formatos: quatro encontros semanais de uma hora e meia cada realizados durante o período matutino, mas também teve um encontro com três horas de duração à noite para aqueles que não conseguiam participar no período da manhã. Na intervenção temas como estereótipos e preconceito foram contemplados e os resultados reforçam a importância de grupos para o processo de ressignificação da sexualidade.

A pesquisa de Souza (2017) buscou conhecer as contribuições de um projeto online intitulado “Projeto *Web* Educação Sexual” para a formação de quatro

¹⁰ A sigla se refere à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

professoras da educação básica no município de Poços de Caldas - MG. As conferências do Projeto possuíam duração média de uma hora e meia, realizadas uma vez por mês. Os resultados mostraram que ainda há lacuna entre cursos de formação inicial e a formação continuada dessas professoras que apresentam dificuldades em trabalhar o tema da sexualidade. Outro resultado apresentado foi que, participar do curso contribuiu para a formação pessoal e profissional das professoras, ampliando sua visão sobre sexualidade, além de ressaltar que as Tecnologias Digitais podem ser utilizadas como ferramenta para formação de professores.

A revisão das pesquisas relatadas acima teve como objetivo identificar os vários formatos dos programas de ensino propostos para professores, servindo como parâmetros para elaboração do Programa de Ensino deste trabalho. Observou-se, revisando os trabalhos, que várias pesquisas apontam a necessidade de formação continuada em educação sexual e sexualidade para professores (MAISTRO, 2006; GAGLIOTTO, 2009; TUCKMANTEL, 2009; SILVEIRA, 2010; SANTOS, 2011; PANTOJA, 2013; PAZ, 2014; PEREIRA, 2014; SILVA, 2015; GROFF, 2015; ORIANI, 2015; OLIVEIRA, 2016), demanda que parece ser também contínua.

O Curso GDE foi alvo de oito pesquisas. Por entender que a sexualidade é ampla, com vários componentes, e conforme elencado, optou-se por não realizar uma análise mais aprofundada das pesquisas sobre o curso GDE, visto que concentram-se mais na diversidade étnica, sexual e de gênero, enquanto o Programa de Ensino proposto neste trabalho remeteu a temas relacionados às diferenças entre corpo masculino e feminino, mudanças corporais na puberdade, relações sexuais e gravidez por serem conteúdos elencados pelos professores que participaram da formação.

Além disso, percebe-se uma tendência ao método de ensino a distância, visto que dez (50%) trabalhos apresentados nesta revisão relataram oferta de formações nesta modalidade. A maioria dos cursos a distância citados utilizaram o sistema de gerenciamento da aprendizagem virtual conhecido como *Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment)*, no qual vídeos, textos, fóruns de discussão e *chats* foram empregados. Mesmo as formações a distância apresentaram momentos presenciais, com exceção do Projeto *Web Educação Sexual* (SOUZA, 2017) que se referia a *web* conferências sobre temas da

sexualidade. Os programas presenciais tiveram sua descrição apresentada nas pesquisas elencadas, contando com a divulgação dos materiais e recursos audiovisuais produzidos para esses estudos.

Quanto à avaliação da efetividade dos programas, entendida como a determinação da utilidade e do valor de um programa através da utilização de instrumentos sistemáticos a fim de obter informações para tomada de decisões futuras sobre o programa avaliado (CERDEIRA, 2013), apenas a proposta de Santos (2011) caracterizou-se como tal ao comparar e analisar estatisticamente os resultados identificados antes e após a capacitação sobre abuso e exploração sexual. As pesquisas envolvendo o curso GDE realizaram um formato qualitativo de avaliação, que não se caracteriza como avaliação de programa, ao relatar os escritos nos memoriais sobre a experiência dos professores participantes do curso bem como um levantamento das respostas dos fóruns de discussão. Avaliar a efetividade de um programa se refere a verificação dos impactos na população-alvo após a ação, ou seja, trata da mensuração das mudanças que ocorrem após determinado Programa de Ensino (ARRETCHE, 2001).

3 OBJETIVOS

- a) Propor e avaliar a efetividade de um Programa de Ensino sobre Educação Sexual para professores do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental I da cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à produção de mudanças indicadoras de melhora no nível de conforto e capacidade necessários para ministrar esse conteúdo nos anos iniciais;
- b) Identificar quais componentes do programa são avaliados pelos professores como efetivos para a melhora no nível de conforto e capacidade necessários ao trabalho com educação sexual na faixa etária de 9 a 11 anos.

4 MÉTODO

4.1 Tipo do Estudo

Trata-se de uma pesquisa aplicada, descritiva, quali-quantitativa.

4.2 Local e Contexto do Estudo

A Secretaria Municipal da Educação de Foz do Iguaçu é responsável por 51 Escolas Municipais (1º ano ao 5º ano). Atualmente, há 151 professores no quarto ano e 96 professores que ministram aulas no quinto ano do Ensino Fundamental I.

A coleta de dados inicial foi realizada nas próprias escolas (ETAPA 2 descrita no item Procedimento) e a intervenção ocorreu nas dependências da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu – PR (vide ETAPA 3 do item Procedimento). O nome das 51 escolas do Município de Foz do Iguaçu – PR encontra-se a seguir:

- E.M. Acácio Pedroso
- E.M. Adele Zanotto Scalco
- E.M. Ademar Marques Curvo
- E.M. Altair Ferrais da Silva “Zizo”
- E.M. Anita Garibaldi
- E.M. Antonio Gonçalves Dias
- E.M. Arnaldo Isidoro de Lima
- E.M. Augusto Werner
- E.M. Belvedere
- E.M. Brigadeiro Antonio Sampaio
- E.M. Cândido Portinari
- E.M. Carlos Gomes
- E.M. Cecília Meireles
- E.M. Ceres de Ferrante
- E.M. Cora Coralina
- E.M. Vila Shalon
- E.M. Dr. Dirceu Lopes

- E.M. Duque de Caxias
- E.M. Eleodoro Ébano Pereira
- E.M. Elói Lohmann
- E.M. Emílio de Menezes
- E.M. Érico Veríssimo
- E.M. Frederico Engel
- E.M. Gabriela Mistral
- E.M. Írio Manganelli
- E.M. Jardim Naipi
- E.M. João Adão da Silva
- E.M. João da Costa Viana
- E.M. João XXIII
- E.M. Jorge Amado
- E.M. Júlio Pasa
- E.M. Monteiro Lobato
- E.M. Najla Barakat
- E.M. Olavo Bilac
- E.M. Padre Luigi Salvucci
- E.M. Papa João Paulo I
- E.M. Ponte da Amizade
- E.M. Presidente Getulio Vargas
- E.M. Princesa Isabel
- E.M. Prof. Benedicto João Cordeiro
- E.M. Prof. Lucia Marlene Nieradka
- E.M. Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza
- E.M. Prof. Elenice Melhorança
- E.M. Prof. Josinete Holler Alves dos Santos
- E.M. Prof. Rosália de Amorim Silva
- E.M. Prof. Suzana Moraes Balen
- E.M. Santa Rita de Cássia
- E.M. Vinícius de Moraes

4.3 Participantes

A pesquisa foi realizada com os professores do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental I que atuam nas escolas públicas do município de Foz do Iguaçu-PR. Optou-se por trabalhar com os professores desses anos a partir da demanda verificada em pesquisas anteriores (DREYER, 2014; MENEGHETTI, 2016) e devido solicitação da Secretaria Municipal de Educação. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação, há no município aproximadamente 250 professores que ministram aulas no quarto e quinto ano da rede pública.

Todos os professores do quarto e quinto ano foram convidados a participar dessa pesquisa, sendo esclarecido que a participação seria voluntária e que os participantes seriam divididos em grupos menores, de até 15 participantes, para a etapa de aplicação do programa, conforme disponibilidade dos mesmos.

Deste modo, foram distribuídos instrumentos nas escolas para toda esta população. Foram recolhidos 174 (59%) instrumentos nas 51 escolas visitadas, todos os professores foram contatados por telefone, sendo que 100 (40%) deles participaram e concluíram o treinamento, no entanto, 17 pessoas não tiveram seus resultados analisados porque não responderam ao instrumento prévio ou porque realizaram a capacitação individualmente, não obtendo o treinamento do mesmo modo que os demais participantes. Portanto, dos 100 professores participantes, a amostra desta pesquisa conta com 83 (33% da população) respondentes. A caracterização geral da amostra encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos professores participantes distribuídos por idade, sexo, titulação acadêmica e tempo de magistério

Características	Frequência (n=83)	Porcentagem (%)
<i>Sexo</i>		
Feminino	80	96,40%
Masculino	3	3,60%
<i>Idade</i>		
Até 30 anos	22	26,50%
Entre 31 – 35 anos	11	13,30%
Entre 36 – 40 anos	14	16,90%
Entre 41 – 45 anos	13	15,70%
Entre 46 – 50 anos	11	13,30%
Acima de 50 anos	12	14,50%

Continua p. 40 ...

Continuação da Tabela 01

Características	Frequência (n=83)	Porcentagem (%)
Não respondeu	0	0%
<i>Titulação acadêmica</i>		
Apenas graduação	33	39,80%
Pós-graduação	42	50,60%
Mestrado	3	3,60%
Graduação em Andamento	3	3,60%
Não respondeu	2	2,40%
<i>Tempo de magistério</i>		
Até 5 anos	21	25,30%
6 – 10 anos	21	25,30%
11 – 15 anos	12	14,50%
16 – 20 anos	8	9,60%
21 – 25 anos	11	13,30%
26 – 30 anos	6	7,20%
Mais de 30 anos	4	4,80%

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme os dados apresentados na Tabela 1, pode-se verificar que a maioria dos participantes foram do sexo feminino (96,4%) e jovens adultos entre 30 a 40 anos, sendo que 13,3% apresentavam idade entre 31 a 35 anos e 16,9% tinham entre 36 a 40 anos.

Quanto à titulação acadêmica, 50,6% possuíam pós-graduação e 3,6% pós-graduação *stricto sensu* – nível Mestrado. No que se refere ao tempo de magistério, 25,3% dos participantes indicaram ter até 5 anos, 25,3% indicaram ter entre 6 a 10 anos e 14,5% entre 11 a 15 anos de profissão. O menor índice se refere a professores com mais de 30 anos de magistério (4,8%). Diante desses resultados é possível verificar que a maioria dos participantes foram mulheres com pós-graduação e com até 15 anos de magistério.

4.4 Recursos Humanos

Trabalharam como facilitadores conduzindo os grupos do programa “Respondo o quê?” membros do grupo de pesquisa sobre sexualidade da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu: uma psicóloga mestranda, duas enfermeiras mestrandas e três acadêmicas de iniciação científica do curso de Enfermagem da mesma

Instituição. Ao todo, foram conduzidos 20 grupos do Programa de Ensino por duas facilitadoras, com revezamento no papel de coordenadoras principal e auxiliar.

4.5 Instrumentos

Os materiais e instrumentos para coleta de dados utilizados nesta pesquisa estão abaixo especificados.

4.5.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A)

Contrato individual firmado entre cada participante e a autora da presente pesquisa, no qual consta informações ao participante sobre o formato de funcionamento da pesquisa e divulgação dos dados preservando o anonimato das pessoas envolvidas.

4.5.2 Instrumento de Situações-Problema sobre Sexualidade (Apêndice B)

A construção deste instrumento foi realizada mediante leitura de dissertações, teses, artigos brasileiros e de Portugal. Apresenta dados gerais do respondente, três perguntas abertas e oito situações-problema sobre as temáticas que foram contempladas no Programa de Ensino, apresentando sempre uma resposta adequada do professor, que é dada apenas ao aluno interrogante ou a toda a classe. A intenção deste instrumento era verificar como os professores se autoavaliam quanto à sua capacidade de dar uma resposta similar ao modelo apresentado, e seu grau de conforto para apresentar o mesmo tipo de resposta. As situações se relacionam aos seguintes temas e foram elaboradas a partir de situações relatadas por professores e por conteúdos identificados na literatura (RIBEIRO, 2009):

- Situações 1 e 7: *Relações sexuais;*
- Situações 2 e 5: *Diferenças entre corpo masculino e feminino;*
- Situações 3 e 6: *Gravidez;*
- Situações 4 e 8: *Mudanças corporais na puberdade.*

Solicitou-se ao respondente, que pontuasse numa escala de 1 a 5 (onde 1 se refere a nenhuma capacidade/nenhum conforto e 5 a bastante capaz/muito confortável em apresentar resposta similar ao modelo).

4.5.3 Instrumento de Avaliação do Programa de Ensino (Apêndice C)

Adaptado do *Therapy Attitude Inventory* – TAI¹¹ (EYBERG, 1993) este instrumento foi aplicado apenas após o Programa de Ensino e teve como objetivo avaliar os componentes do Programa de Ensino.

A adaptação utilizada nesta pesquisa foi composta por sete questões fechadas e uma aberta, nas primeiras o respondente era solicitado a responder em uma escala de 1 a 5, onde 1 indicava insatisfação com o procedimento e 5 indicava satisfação máxima com o procedimento ou orientação recebida. A pontuação individual total no instrumento poderia variar entre 7 e 35, sendo que marcas entre 7 e 14 indicariam insatisfação com a intervenção, pontuação entre 28 e 35 indicaria satisfação e escores intermediários (entre 15 e 27) indicariam neutralidade, ou seja, indiferença em relação ao formato da intervenção recebida. Já a última pergunta se referia a sugestões para possíveis adequações do Programa de Ensino.

4.6 Procedimento

Esta pesquisa foi estruturada e desenvolvida nas seguintes etapas: Planejamento, Avaliação Pré-Programa de Ensino, Programa de Ensino, Avaliações Pós-Programa de Ensino. O Programa de Ensino elaborado foi denominado “Respondo o quê?”.

A Figura 1 apresenta um esquema com as etapas do procedimento deste trabalho.

¹¹ Trata-se de um Inventário composto por 10 itens nos quais é apresentado ao respondente uma escala *likert* de 1 a 5, onde 1 indica não ter aprendido nada e 5 indica ter aprendido muitas técnicas úteis. Este Inventário visa avaliar a satisfação com o processo e os resultados de Treinamento Parental e Terapia Familiar.

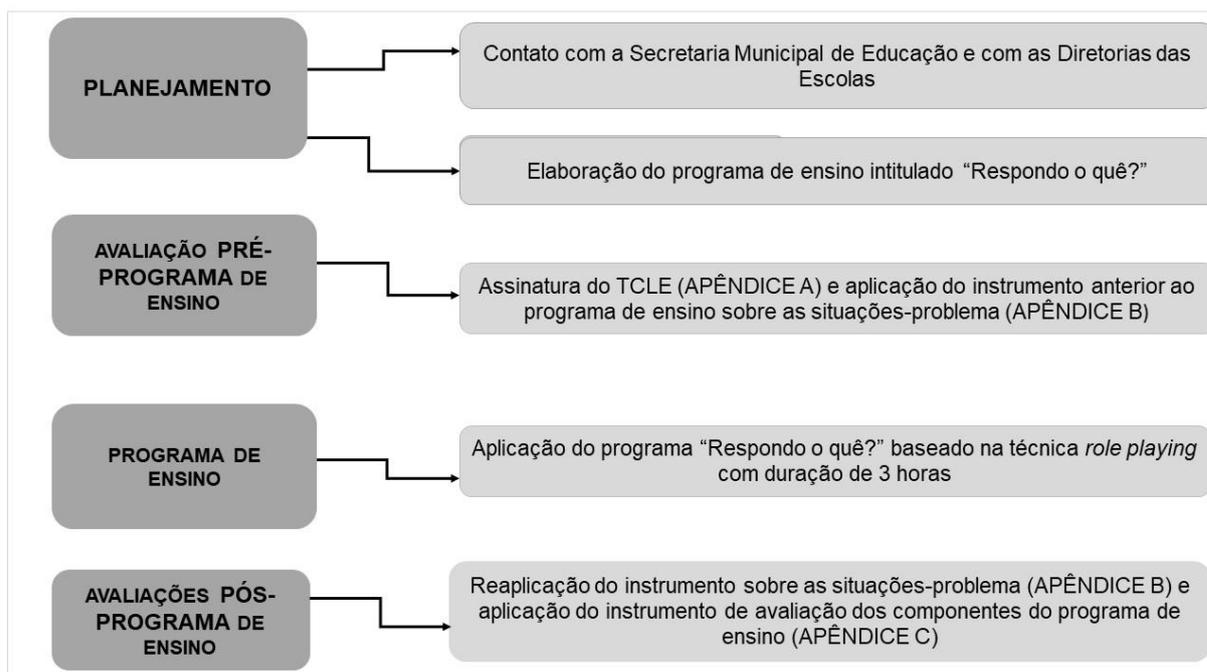


Figura 1. Procedimentos da pesquisa

Fonte: Dados da pesquisa

ETAPA 1: Planejamento – Obtenção do consentimento da Secretaria Municipal de Educação e das Diretorias das escolas municipais, bem como agendamento das datas de aplicação do programa. Concomitantemente, foi elaborado o Programa de Ensino “Respondo o quê?” (APÊNDICES D e E).

ETAPA 2: Avaliação pré-Programa de Ensino – Envolveu visita e contato com os professores nas escolas, no qual era explicado sobre a pesquisa e o Programa de Ensino. Após aceite e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – APÊNDICE A), os professores preenchem o instrumento pré-programa (APÊNDICE B). Esta etapa iniciou em março de 2017 e os últimos questionários preenchidos foram recolhidos em no início de maio de 2017.

ETAPA 3: Aplicação do Programa de Ensino “Respondo o quê?” – Realização do Programa de Ensino sobre educação sexual e sexualidade, com 3 horas de duração. O Programa desenvolvido foi constituído pelos conteúdos identificados como os de maior importância pelos professores do quinto ano (MENEGETTI, 2016), além de considerar as dúvidas apontadas por crianças entre 9 a 11 anos do município de Foz do Iguaçu em pesquisa anterior (MANTOVANI *et al.*, 2014): corpo feminino e masculino, mudanças corporais na puberdade, relações sexuais e gravidez, conforme mostra a Figura 2. A estruturação do programa “Respondo o Quê?” baseou-se na técnica de *role playing*, aqui denominada *Hot Seat*, por ser um

procedimento estruturado que proporciona alta integridade à intervenção e proporciona o ensino ativo de habilidades próximas as necessárias na situação real. A primeira aplicação do Programa foi realizada em abril de 2017 e a última em junho de 2017. Foram conduzidas 20 aplicações do Programa com média de quatro a cinco participantes por grupo.



Figura 2. Temas-alvo do Programa de Ensino “Respondo o quê?”

Fonte: Dados da pesquisa

ETAPA 4: Avaliações pós-Programa de Ensino – Esta etapa foi realizada no mesmo dia do Programa de Ensino conforme apresentado na Figura 1. Foram entregues aos participantes o mesmo instrumento respondido antes do programa (APÊNDICE B) e o instrumento de avaliação do programa de ensino (APÊNDICE C). Os participantes preencheram os dois instrumentos nos 10 minutos finais do Programa de Ensino. Em seguida, foram sorteados dois livros entre os participantes da capacitação.

4.7 Aspectos Éticos

Nesta pesquisa todos os critérios de sigilo e recomendações no que tange à pesquisa envolvendo seres humanos instituídos pela Resolução 446/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) serão adotados. Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unioeste (CEP/UNIOESTE) no início do mês de junho de 2016 e foi aprovado pelo CEP em novembro de 2016, sob o parecer de número 1.838.310 (ANEXO A).

5 RESULTADOS

Os resultados estão divididos em quatro partes: 1) análise de conteúdo quanto ao conceito de sexo e sexualidade para os participantes e perguntas constrangedoras; 2) estatística da comparação dos dados pré e pós provenientes do instrumento sobre situações-problema; 3) análise descritiva da comparação dos dados pré e pós provenientes do instrumento sobre situações-problema; 4) avaliação do Programa.

A análise estatística foi realizada utilizando-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) optando-se pela aplicação do Teste T, de comparação entre amostras dependentes. O índice de significância adotado foi de 0,05 (índice aceitável para pesquisas em Ciências Sociais).

A análise descritiva foi realizada comparando-se a porcentagem de participantes que assinalaram cada uma das cinco alternativas da escala *likert* apresentada para a análise das situações-problema, antes e após o Programa de Ensino, a fim de identificar aumento ou redução do número de participantes que mudaram sua avaliação quanto a capacidade e conforto.

A análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) foi usada para categorização das questões abertas dos instrumentos. Após leitura prévia, o material foi dividido em unidades de análise e categorizado segundo critérios definidos de acordo com o tema abordado. As respostas foram também quantificadas em termos de frequência e porcentagem em cada categoria.

5.1 Análise de conteúdo quanto ao conceito de sexo e sexualidade para os participantes e perguntas constrangedoras

As perguntas do instrumento “Para você, o que é sexualidade?”, “Para você o que é sexo?” e “Descreva perguntas que você não saberia ou se sentiria constrangido para responder sobre sexualidade caso fossem feitas por alunos entre 9 a 11 anos” foram objeto de análise de conteúdo conforme já descrito.

A Tabela 2 mostra as categorias e respectivos percentuais de resposta antes e após o Programa de Ensino para a pergunta sobre o que é sexo.

Tabela 2. Frequência e porcentagem de respostas por categoria para a pergunta o que é sexo antes e depois do programa

CATEGORIAS CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Ato sexual Sexo como sinônimo da relação sexual.	“Sexo também significa uma relação íntima entre casais”; “Pode estar relacionado ao ato sexual”; “Onde há junção do órgão genitor masculino e feminino ou dos órgãos genitores não necessariamente pênis/vagina”; “Relação sexual”; “Ato sexual”.	71 (31%)	95 (44%)
Sentimento / Prazer Sentimentos, satisfação, prazer, intimidade e afeto atribuídos ao sexo.	“Que tem como objetivo o prazer”; “Dar e sentir prazer”; “Satisfação”; “Desejo”; “Satisfação da libido”; “O sexo é relacionado ao gozo”.	48 (21%)	24 (11%)
Sinônimo de gênero ¹² Aspectos sociais, biológicos e de orientação sexual.	“Ao gênero socialmente definido”; “Podendo ser discriminado em gênero sexual”; “Relacionado a gênero”; “Definição de gênero”; “Distinção de gêneros”; “O sexo pode ser visto como gênero”; “Pode ser classificação de gênero”; “Masculino e feminino”; “Macho e fêmea”.	46 (21%)	64 (29%)
Corpo Sexo como aspecto do desenvolvimento, conhecimento do corpo, mudanças corporais, puberdade, aspectos fisiológicos.	“São as características estruturais e funcionais que definem um ser como”; “Em matéria de biologia, se refere a uma condição orgânica”; “O desenvolvimento normal”; “Características corporais que deferem numa espécie”; “O sexo em si é a definição do ser humano”; “São as características”; “É o conjunto de características estruturais e funcionais”; “É a diferença física entre o corpo do homem e da mulher”.	28 (12%)	16 (7%)
Inerente ao ser humano Sexo como algo natural, função reprodutiva, instintiva e ligada às necessidades fisiológicas dos indivíduos.	“É tudo o que nosso corpo tem de necessidade fisiológica”; “O nosso corpo expressa essa necessidade”; “E também como necessidade fisiológica”; “Que permite a continuação da espécie”; “Reprodução humana”.	26 (11%)	4 (2%)
Sexo como algo amplo Atribuem mais de um significado à palavra.	“Sexo pode apresentar diferentes conceitos”; “Mas há várias formas de sexo”; “Para mim há duas definições”; “Depende”; “Observo dois sentidos para a palavra sexo”; “A palavra sexo também é abrangente”; “O que o define, muitas vezes, é o contexto”.	8 (3%)	10 (5%)
Outras respostas Não respondeu ou respostas que não se enquadram nas demais categorias.	“Diferente de relação sexual”; “Como ela se enxerga, como ela se vê”.	2 (1%)	5 (2%)
TOTAL DE RESPOSTAS		229 (100%)	218 100%

Fonte: Dados da pesquisa

¹² É importante ressaltar que o nome da categoria não leva em conta apenas o caráter social atribuído ao termo gênero, conforme apresentado neste trabalho porque percebeu-se que os respondentes utilizavam a terminologia sexo como sinônimo de gênero no sentido masculino/feminino.

Através dos dados apresentados na Tabela 2 é possível verificar que a categoria *Ato sexual* foi a que obteve mais respostas tanto antes do programa (31%) quanto após o Programa de Ensino (44%), ou seja, a maioria das respostas definem sexo como sinônimo da relação sexual propriamente dita.

A Tabela 3 mostra as categorias e os percentuais de resposta antes e após o Programa de Ensino sobre o que é sexualidade para os participantes.

Tabela 3. Frequência e porcentagem das respostas por categorias para a pergunta o que é sexualidade antes e depois do programa

CATEGORIAS CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Sentimento / Prazer Sentimentos, satisfação, prazer e afeto.	“É sensualidade”; “Erotismo”; “É a atração que um ser humano sente pelo outro”; “Engloba sentimentos”; “Afetos”; “Envolve emoções”; “Uma delas seria necessidade de dar e receber sensações prazerosas”; “A descoberta das partes do corpo que lhe dão prazer”; “Desejo sexual”.	72 (28%)	92 (35%)
Corpo Desenvolvimento, conhecimento do corpo, mudanças corporais, puberdade, aspectos fisiológicos.	“Na minha concepção trata-se de conhecer seu próprio corpo”; “Descoberta”; “Exploração do próprio corpo”; “É o ato de se conhecer e de aceitar-se como é”; “Momento de mudanças em cada faixa etária”; “Descoberta de sensações”.	46 (18%)	59 (22%)
Sexualidade inerente ao ser humano e suas necessidades Sexualidade como algo natural, função reprodutiva, instintiva e ligada às necessidades fisiológicas dos indivíduos.	“Instinto sexual”; “Instinto natural dos animais”; “É algo natural”; “É a continuação das espécies”; “É algo inerente em todos os seres humanos”; “Parte primordial da vida de todos os seres vivos”; “É uma necessidade do ser humano”; “Ou simplesmente para satisfazer as necessidades do corpo”; “Sexualidade é uma das funções e necessidades básicas do corpo humano”.	31 (12%)	19 (7%)
Sexualidade como algo amplo Abrangência do tema.	“A sexualidade se estende a todos os âmbitos de conhecimento”; “A sexualidade engloba inúmeros fatores”; “E não há uma definição única, absoluta”; “É um termo bem abrangente”; “É um termo amplo”; “Para mim a sexualidade não tem uma definição apenas”.	27 (10%)	16 (6%)
Sexualidade como comportamento Comportamento humano, suas ações, gestos e atitudes.	“É um conjunto de comportamentos”; “A sexualidade são comportamentos humanos”; “Nossas ações”; “Atitudes”; “Modo de se expor”; Gestos.	26 (10%)	30 (11%)
Aspectos individuais/ pessoais Sexualidade como um aspecto idiossincrático.	“É individual”; “Onde cada pessoa reconhece como tal, seja mulher ou homem”; “Faz parte da personalidade de cada um”; “São traços íntimos”; “Que se desenvolve de maneira diferente em cada um”; “A sexualidade é a maneira como o indivíduo se percebe perante as outras pessoas”.	25 (10%)	20 (8%)

continua p.48 ...

continuação da Tabela 3

CATEGORIAS <i>CRITÉRIOS</i> (Respostas relacionadas a...)	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Ato sexual Sexualidade como sinônimo da relação sexual.	"O ato em si"; "Relativo a relação sexual"; "É o ato carnal"; "Atividades sexuais"; "Referente ao ato sexual"; "O que se refere a sexo"; "Ato sexual".	10 (4%)	6 (2%)
Sinônimo de gênero Aspectos sociais, biológicos e de orientação sexual.	"Gênero"; "Concepção de gênero"; "Tudo que se refere a gênero"; "Até o uso de certas vestimentas"; "É o que define homem e mulher"; "Sexualidade é gênero"; "É a opção que o indivíduo faz ao escolher com quem quer relacionar-se ao manter a relação sexual"; "Opção (orientação sexual)".	10 (4%)	10 (4%)
Relação social Caráter social, relacionamento entre indivíduos.	"Toda e qualquer forma de se relaciona com o meio em que vivemos, seja pessoa ou social"; "De se relacionar um com o outro"; "É tudo o que se relaciona a relacionamento"; "E interação social de cada indivíduo".	6 (2%)	5 (2%)
Outras respostas Não respondeu ou que não se enquadram nas demais categorias.	"Está relacionado ao nosso dia a dia"; "E a escola ou melhor o professor tem uma função muito importante no trabalho sobre a sexualidade na vida do educando"; "Não sei"; "Nunca parei para analisar"; Não respondeu.	5 (2%)	8 (3%)
TOTAL DE RESPOSTAS		258 (100%)	265 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode visualizar na Tabela 3, a maioria das unidades de resposta referente à pergunta "O que é sexualidade?" está dentro da categoria *Sentimento/Prazer*. Na avaliação pré-Programa de Ensino, a porcentagem foi de 28% e na avaliação pós aumentou para 35% das respostas.

A categoria com a segunda maior frequência de unidades de resposta foi *Corpo* (sexualidade ao desenvolvimento e conhecimento do corpo, puberdade e aspectos fisiológicos), que na avaliação pré obteve 18% das respostas e no pós subiu para 35%. Já o terceiro lugar na avaliação pré ficou para a categoria *Sexualidade inerente ao ser humano e suas necessidades* com 12%. Após o programa, a categoria *Sexualidade como comportamento*, ficou em terceiro lugar com 11%.

A Tabela 4 expõe as categorias e respectivos percentuais de resposta antes e após o Programa de Ensino para a questão "Descreva perguntas que você não saberia, ou se sentiria constrangido para responder sobre sexualidade caso fossem feitas por alunos entre 9 a 11 anos".

Tabela 4. Frequência e porcentagem de respostas por categoria sobre as perguntas constrangedoras antes e depois do programa

CATEGORIAS CRITÉRIOS	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Ato Sexual Assuntos que se relacionam a relação sexual, penetração, coito, prazer sexual, atos de carinho, sexo oral/anal.	“Minúcias do ato sexual”; “o que é sexo?”; “Como acontece o sexo?”; “Transa – em que momentos devemos transar?” “Perguntas relacionadas a posições de atividades sexuais”; “o que é ato sexual?; “O que é sexo oral?”; “O que é sexo anal?”.	42 (23%)	23 (18%)
Facilidade em abordar o tema Respostas nas quais o professor afirma não ter constrangimento para falar com os alunos sobre sexualidade.	“Não me sentiria constrangida quanto a qualquer pergunta sobre sexualidade”; “...ainda não tive dificuldades com as perguntas apresentadas até o momento”; “Já passei por diversas situações em que a questão da sexualidade foi levantada, não encontrei dificuldades ou constrangimento em responde-las”; “Nenhuma”.	31 (17%)	9 (7%)
Comportamento sexual Respostas sobre masturbação, ejaculação, ereção, orgasmo.	“O que é masturbação?”; “questões relacionadas a masturbação”; “o que é gozar?”; “o que é ejaculação?”; “O que é ereção?”; “Como se tem orgasmo?”; “Como sentirei prazer?”	21 (12%)	34 (27%)
Higiene, mudanças corporais, diferenças físicas e comportamentais Respostas relacionadas a diferenças e mudanças nos aspectos físicos e comportamentais do indivíduo.	“Curiosidades sobre a mudança de corpo de meninos e meninas nessa idade”; “Atualmente as meninas com a idade de 9 a 11 anos já menstruam?”; “Diferenças de comportamento de meninos e meninas na adolescência”; “por que o menino é diferente da menina?”; “por que menino tem pipi e menina tem perereca?”; “O que é vagina?”; “Como a criança limparia o pênis (higienizar)?”; “Definição de vulva”.	16 (9%)	--
Linguagem Respostas que dizem sobre a importância de adequar a linguagem à faixa etária do aluno e outras condições individuais.	“Por estar terminando pedagogia acredito que consigo adequar a linguagem para responder as dúvidas dos alunos”; “por isso a necessidade de preparo em especial quanto a linguagem mais apropriada”; “Tudo tem que ter uma maneira simples para se responder”; “...acredito que devemos responder com respeito e cautela”; “A escola precisa orientar e subsidiar as crianças, com respostas coerentes e verdadeiras a respeito”.	15 (8%)	1 (1%)
Dificuldade em abordar o tema Respostas relacionadas ao constrangimento para abordar o tema, dificuldade em lidar, receio da reação de pais, aspectos religiosos, desconforto, evita responder sobre o assunto.	“Qualquer pergunta me deixaria constrangida para responder”; “...porém no caso de sala de aula, algum receio devido a orientação sexual dada pelos pais, que talvez possam não gostar”; “minha preocupação principal é com relação aos pais e/ou responsáveis (aceitação do tema)”; “...mas surgem muitas dúvidas na hora de falar”; “...se eu puder evitar de responder eu evito”.	15 (8%)	3 (2%)

continua p.50...

Continuação da Tabela 4

CATEGORIAS CRITÉRIOS	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Homossexualidade Respostas que envolvam conteúdo a respeito da homossexualidade	“Como acontece o ato sexual quando ambos os parceiros são do mesmo sexo”; “menino pode ficar com menino? Ou vice versa, etc.”; “É normal sexo entre pessoas do mesmo sexo?”; “Como pessoas homossexuais se relacionam?”; “Por que as pessoas são gays?”; “Como é feita uma relação sexual, entre duas pessoas do mesmo sexo”.	14 (8%)	7 (5%)
Concepção Respostas relacionadas ao processo de concepção, gravidez e parto.	Como um bebê é feito?”; “Como faz para o espermatozoide chegar ao útero da mulher?”; “como entrei na barriga da minha mãe?”; “por onde eu nasci?”; “como os bebês nascem?”.	9 (5%)	3 (2%)
Gênero e orientação sexual Respostas sobre orientação sexual e gênero.	“...e abordagens quanto ao gênero”; “Perguntas que envolvam gênero”; “o que é transexual?”; “...identidade de gênero”; “orientação sexual”.	6 (3%)	2 (2%)
Perguntas pessoais Temas que se refiram à intimidade do professor.	“Acredito que mais perguntas que fossem pessoais”; “Você transa?”.	2 (1%)	1 (1%)
Abuso sexual Questões que envolvam abuso sexual.	“...e abuso sexual”.	1 (1%)	8 (6%)
Outras respostas / Não respondeu Não respondeu ou respostas que não se enquadram nas demais categorias.	“Acredito que devemos desmistificar esse “pudor” por traz do assunto discutido”; “Doenças”; Não respondeu.	8 (4%)	21 (16%)
TOTAL DE RESPOSTAS		180 (100%)	128 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que na avaliação pré, as perguntas mais constrangedoras relacionaram-se ao tema *Ato sexual* (23%) enquanto que após o Programa de Ensino, passaram para a categoria *Comportamento Sexual* (27%). Outro aspecto verificado se refere à categoria *Higiene, mudanças corporais, diferenças físicas e comportamentais*, que na avaliação pré obteve 9% das respostas e após o programa nenhuma resposta foi identificada. Provavelmente isso tenha ocorrido em função de que os temas dessa categoria (mudanças corporais, menstruação, diferenças entre pênis e vulva) faziam parte do Programa de Ensino.

5.2 Análise estatística da comparação dos dados pré e pós provenientes do instrumento sobre situações-problema

A seguir, as Tabelas 5 a 8 apresentam os resultados estatísticos através da média, desvio padrão e valor de p para as questões que avaliavam capacidade e conforto quantos aos temas “relações sexuais”, “diferenças entre corpo masculino e feminino”, “gravidez” e “mudanças corporais na puberdade” antes e depois do Programa de Ensino.

Tabela 5. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Relações sexuais

Relações sexuais				
<i>Situação 1 - Capacidade</i>				
Pré		Pós		p^{13}
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000*
3,12	0,955	3,65	0,788	
<i>Situação 7 – Capacidade</i>				
Pré		Pós		p
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000*
2,99	1,030	3,80	0,823	
<i>Situação 1 – Conforto</i>				
Pré		Pós		p
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,005*
3,00	1,082	3,51	0,916	
<i>Situação 7 – Conforto</i>				
Pré		Pós		p
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000*
2,87	1,057	3,66	0,941	

Fonte: Dados da pesquisa

¹³ p =nível de significância. Resultado estatisticamente significativo: $p < 0,05$.

Tabela 6. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Diferenças entre corpo masculino e feminino

Diferenças entre corpo masculino e feminino				
<i>Situação 2 - Capacidade</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,17	0,940	3,84	0,824	
<i>Situação 5 – Capacidade</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,42	0,952	4,01	0,819	
<i>Situação 2 – Conforto</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,19	1,087	3,81	0,876	
<i>Situação 5 – Conforto</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,37	1,044	3,92	0,886	

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 7. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Gravidez

Gravidez				
<i>Situação 3 - Capacidade</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,64	0,970	4,16	0,819	
<i>Situação 6 – Capacidade</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,06	1,04	3,82	0,81	
<i>Situação 3 – Conforto</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,48	1,021	4,11	0,817	
<i>Situação 6 – Conforto</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
2,87	1,079	3,64	0,864	

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 8. Média e desvio-padrão para capacidade e conforto antes e depois do programa quanto ao tema Mudanças corporais na puberdade

Mudanças corporais na puberdade				
<i>Situação 4 - Capacidade</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
2,73	1,049	3,57	0,872	
<i>Situação 8 – Capacidade</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,53	0,915	4,02	0,796	
<i>Situação 4 – Conforto</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
2,46	1,051	3,31	0,974	
<i>Situação 8 – Conforto</i>				
Pré		Pós		<i>p</i>
Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	0,000
3,47	0,992	3,94	0,860	

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados exibidos nas Tabelas 5 a 8 mostram que tanto o nível de conforto quanto o de capacidade para todas as situações-problema modificaram-se de forma significativa após o programa. Portanto, diante dos resultados apresentados nesta seção, pode-se observar que todos os itens do instrumento sobre situações-problema foram significativos estatisticamente, ou seja, os resultados do *p* foram inferiores a 0,05.

5.3 Análise descritiva da comparação dos dados pré e pós provenientes do instrumento sobre situações-problema

Esta seção apresenta a análise descritiva realizada através da comparação da porcentagem de participantes que assinalaram cada uma das respostas na escala *likert* nas situações-problema do instrumento antes e após o Programa de Ensino a fim de identificar o aumento ou redução nos valores assinalados para capacidade e conforto.

A Figura 3 apresenta os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema relações sexuais antes e após o Programa de Ensino.

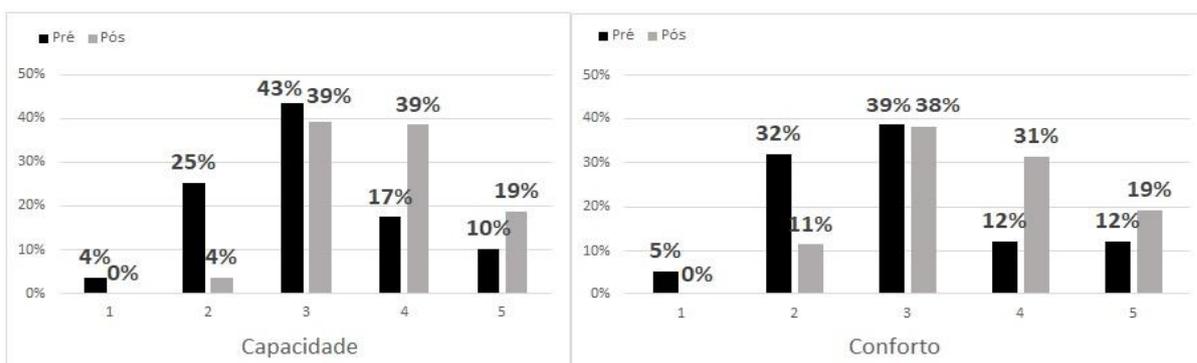


Figura 3. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema relações sexuais antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 3 é possível visualizar que 25% dos respondentes optaram pela alternativa 2 que se refere à condição de pouco capaz na avaliação pré-programa. Após o programa apenas 4% dos participantes utilizaram a mesma resposta, diminuição de 21% do pré em relação ao pós.

Ainda quanto a capacidade, a maior diferença ocorreu na alternativa 4 (bem capaz). Antes do programa apenas 17% dos participantes assinalaram, e após, 39%, um aumento de 22%.

Quanto ao nível de conforto, a alternativa 2 (pouco confortável) foi escolhida por 32% dos respondentes antes do programa, e após por 11%, uma diminuição de 21%. Já a alternativa 4 (bem confortável) foi assinalada por 12% na avaliação pré-programa e no pós por 31%, aumento de 19%.

A Figura 4 mostra os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema diferenças entre corpo masculino e feminino antes e após o Programa de Ensino.

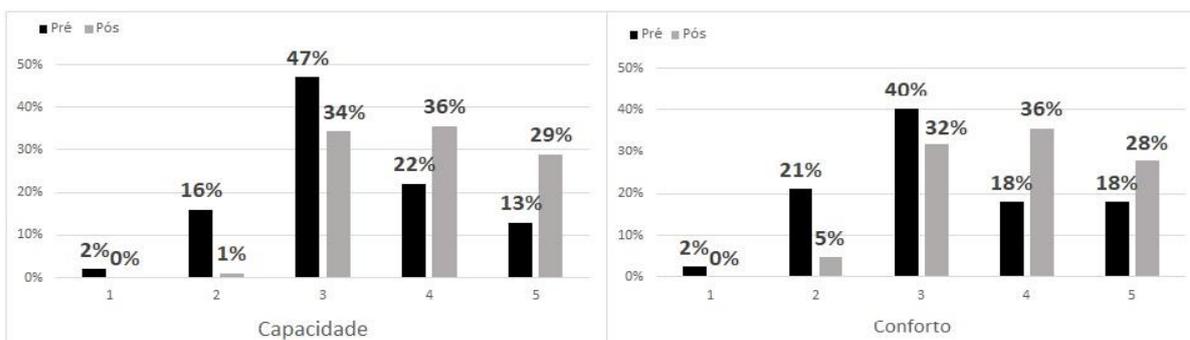


Figura 4. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema diferenças entre corpo masculino e feminino antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa

É possível identificar na Figura 4 que no critério capacidade na temática diferenças entre corpo masculino e feminino houve uma amplitude acima de 10% nos itens 2 (pouco capaz), 3 (suficiente), 4 (bem capaz) e 5 (muito capaz), (15%, 13%, 14% e 16%, respectivamente). Enquanto isso, no critério conforto para as situações envolvendo as diferenças entre corpo masculino e feminino, verifica-se que na avaliação pré-programa 21% dos respondentes assinalaram a alternativa 2 (pouco confortável) e após o Programa de Ensino esta mesma alternativa reduziu para 5%, apresentando uma diferença de 16%. Já a alternativa 4 (bem confortável) foi escolhido por 18% dos participantes antes da capacitação e apresentou um aumento de 18% após o Programa de Ensino, passando para 36% de respostas.

A Figura 5 apresenta os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema gravidez antes e após o Programa de Ensino.

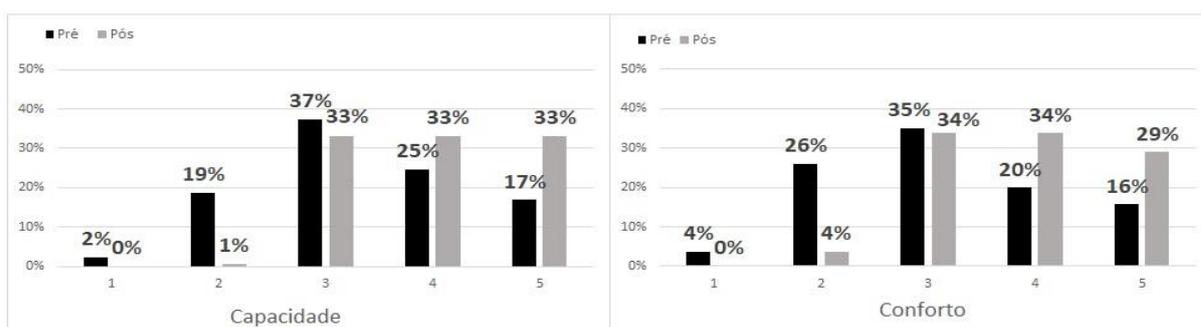


Figura 5. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema gravidez antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 5 verifica-se que a alternativa 2 (pouco capaz) foi apontado por 19% dos respondentes antes de participarem do Programa de Ensino, sendo que esta mesma alternativa reduziu para apenas 1% após capacitação, apresentando uma diminuição de 18%. Quanto à alternativa 5 (muito capaz), a Figura 5 mostra que antes da capacitação apenas 17% dos professores selecionaram esta alternativa e após o Programa de Ensino, 33% dos participantes assinalaram esta resposta, com 16% de aumento.

No que tange ao critério conforto para o tema gravidez, a alternativa 2 (pouco confortável) foi indicado por 26% dos respondentes na avaliação pré-programa e reduziu para 4% de respostas após capacitação, mostrando uma diminuição de 22%. Já a alternativa 4 (bem confortável) foi selecionado por 20% dos participantes

antes do Programa de Ensino e passou para 34% após a capacitação, apresentando um aumento de 14%.

A Figura 6 apresenta os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema mudanças corporais na puberdade antes e após o Programa de Ensino.

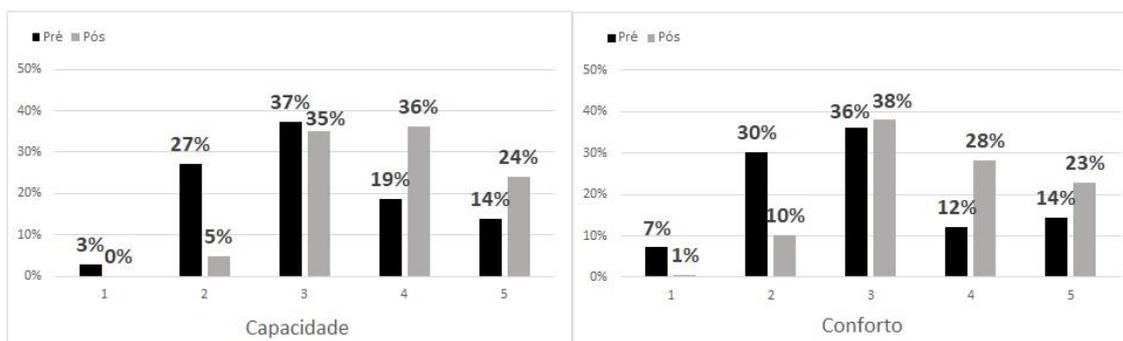


Figura 6. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema mudanças corporais na puberdade antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa

É possível visualizar na Figura 6 que a alternativa 2 (pouco capaz) obteve 27% das respostas antes da capacitação e reduziu para 5% após o Programa de Ensino, ou seja, uma diferença de 22%. Já a alternativa 4 (bem capaz) foi selecionado por 19% dos participantes na avaliação pré-programa e após a capacitação foi assinalado por 36% dos respondentes, mostrando um aumento de 17%.

No item a seguir será apresentado os resultados quanto a avaliação do Programa de Ensino “Respondo o quê?”.

5.4 Avaliação do programa

Esta seção apresenta os resultados da avaliação dos componentes do Programa de Ensino.

A Tabela 9 apresenta a média dos escores atribuídos pelos participantes a cada componente do Programa.

Tabela 9. Médias e desvios-padrão dos escores atribuídos aos componentes do Programa de Ensino “Respondo o quê?”

Componentes	Média	Desvio Padrão
Explicações sobre corpo masculino e feminino	4,66	0,547
Explicações sobre mudanças corporais na puberdade	4,48	0,571
Explicações sobre relações sexuais	4,58	0,587
Explicações sobre gravidez	4,57	0,609
Recursos audiovisuais quanto quantidade e qualidade	4,52	0,571
Treinamento hot seat	4,77	0,423
Carga horária	4,42	0,566
Avaliação geral do programa	4,57	0,553

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se visualizar na Tabela 9 que todos os componentes do Programa de Ensino “Respondo o quê?”, foram bem avaliados, com nota acima de 4 que se refere a classificação Bom. O componente cuja média obteve menor valor foi a carga horária do programa (4,42) e o que obteve a melhor avaliação foi a técnica *Hot Seat* (4,77).

A Tabela 10 apresenta as categorias de respostas e porcentagens correspondentes para a pergunta: “Escreva abaixo sugestões para possíveis adequações desse Programa de Ensino”.

Tabela 10. Frequência e porcentagem de respostas para categorias de sugestões apresentadas ao Programa de Ensino

CATEGORIAS CRITÉRIOS	EXEMPLOS DAS RESPOSTAS	FREQ. (%)
Avaliação positiva do Programa “Respondo o Quê?” Respostas que contém elogios sobre a capacitação.	Apenas elogios; Achei excelente como foi dada a abordagem; Estão de parabéns; Está tudo bem organizado; O programa é ótimo; Conteúdo muito bem exposto e trabalhado; Gostei muito; Achei de grande aprendizado e aproveitamento; Foi excelente; Foi muito válido.	34 (24%)
Ampliação do curso Respostas que recomendam mais tempo de duração para o programa.	Esse programa poderia ter mais dias de duração; Seria interessante mais encontros de capacitação; Poderia ser com mais horas, mais dias; talvez mais tempo para que haja troca de experiências; deveria ser feito mais vezes; Poderia ter mais carga horária; Acredito que o mesmo deveria ser ampliado; Uma formação continuada.	31 (22%)

continua p.58...

continuação da Tabela 10

CATEGORIAS CRITÉRIOS	EXEMPLOS DAS RESPOSTAS	FREQ. (%)
<p>Oferta do Programa “Respondo o Quê?” para mais escolas e professores</p> <p>Respostas que solicitam a ampliação do público-alvo do programa.</p>	<p>Sugiro que amplie aos demais professores da rede de ensino; Para que todos os professores dos quartos e quintos anos da rede municipal participem do curso; Seria muito importante estender a todos os níveis desde educação infantil até o fundamental II; Poderiam levar esta forma de informação as escolas; Toda escola deveria ter formação permanente em relação a temática; Sugiro levar palestras as escolas para turmas de quarto e quinto anos.</p>	<p>24 (17%)</p>
<p>Sugestão de temas para próximos programas</p> <p>Respostas que apresentam sugestões para futuras capacitações sobre sexualidade.</p>	<p>Homossexualidade; Penso que para um programa extensivo, podem ser aprofundados alguns temas como o relacionamento sexual e a questão de gênero, assuntos presentes no cotidiano escolar; Sexual: anal e oral; Seria legal tentar abordar o que devemos ficar atentos quanto as perguntas das crianças (o que está por trás).</p>	<p>9 (6%)</p>
<p>Complexidade e relevância da temática</p> <p>Respostas acerca da sexualidade, não necessariamente relacionadas ao Programa de Ensino.</p>	<p>O tema é bem complexo; Muitos professores não conseguem abordar de maneira pedagogicamente correta; O assunto é muito relevante, ficaria até mais tempo falando e estudando sobre o tema; Pois cada vez mais os alunos fazem perguntas sobre o assunto.</p>	<p>8 (6%)</p>
<p>Elaboração de materiais didáticos sobre o tema</p> <p>Respostas nas quais os professores relatam sobre cartilhas e apostilas sobre o tema.</p>	<p>“Fornecer materiais impressos; Elaborar cartilha para o professor; Montar uma cartilha com as perguntas abordadas no curso; Apostila para os professores”;</p>	<p>8 (6%)</p>
<p>Pais</p> <p>Respostas que envolvam a participação dos pais na temática.</p>	<p>Acredito que se pais tivessem acesso ao programa, seria muito bom; Trabalhar com os pais; Programa de conscientização de se preparar os filhos a vida sexual futura.</p>	<p>6 (4%)</p>
<p>Outras Respostas / Não respondeu</p>	<p><i>Não respondeu à pergunta; No momento não tenho.</i></p>	<p>22 (15%)</p>
<p>TOTAL DE RESPOSTAS</p>		<p>142 (100%)</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 10 é possível perceber que a maioria das respostas (24%) concentrou-se na categoria *Avaliação Positiva do Programa “Respondo o quê?”*, que englobou elogios sobre o programa. Em segundo lugar, com 31% das unidades de respostas ficou a categoria *Ampliação do curso*, com respostas que recomendam mais tempo de duração para o programa. E em terceiro, ficou a categoria *Oferta do Programa “Respondo o quê?” para mais escolas e professores*, a qual apresenta propostas de ampliação do público-alvo do programa. É importante comentar que 15% dos participantes não apontaram sugestões.

6 DISCUSSÃO

Conforme já dito, este estudo teve como objetivo propor um Programa de Ensino sobre Educação Sexual para professores e avaliar sua efetividade quanto à produção de mudanças indicadoras de melhora no nível de conforto e capacidade para ministrar conteúdos relacionados a esta temática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Elaborou-se um Programa de Ensino com uma proposta diferenciada em termos de custo/benefício. Sabe-se que programas de ensino tendem a produzir mudanças no conhecimento (SANTOS, 2011; ALVAREZ; PINTO, 2012; CARVALHO, Gislayne, 2015; CORTEGOSO; COSER, 2016), porém o foco desta proposta era propor um modelo enxuto, focal, que além do conhecimento, promovesse o treino de comportamentos e de habilidades para trabalhar o assunto com crianças a partir da técnica *role playing*.

Pesquisas na área quanto às capacitações em Educação Sexual mostram modelos expositivos, nos quais os participantes têm papel de ouvintes, de receptores passivos. Embora este formato inquestionavelmente aumente em algum grau o conhecimento dos participantes sobre o tema, pode não melhorar a habilidade de que fazer diante de situações reais em que precisem lidar com esta temática (CAMARGO; BARBARÁ, 2004; BATANETE; LOPES; ARRANCA, 2012; LIBÓRIO, 2013). Pesquisas de programas de ensino em outras áreas há muito tempo mostram que, além do uso de instruções verbais e provisão de material escrito (como o uso de manuais), a modelação de habilidades ao vivo, por meio de técnicas de *role playing* e *feedback* imediato da prática orientada produzem efeitos maiores e mais duradouros (THOMAS, 2005; CARVALHO, Gislayne, 2015).

Segundo revisão de pesquisas na área de programação de ensino, quanto mais o procedimento empregado for estruturado, permitir alta integridade da intervenção, proporcionar o ensino ativo de habilidades e estiver baseado em um conjunto consistente de pressupostos teóricos, maior a probabilidade que alcancem resultados positivos (NELSON; WESTHES; MACLEOD, 2013; CARVALHO, Gislayne 2015; CORTEGOSO; COSER, 2016).

Por este motivo, a estruturação do programa “Respondo o Quê?” baseou-se na técnica de *role playing*, que apresenta as características elencadas acima. Vários autores consideram-na como de primeira escolha para o ensino de comportamentos relevantes (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012). Trata-se de

uma técnica de simulação na qual os participantes são convidados a interpretar papéis específicos, dentro de um determinado contexto, visando uma aproximação com a situação real, de modo a treinar o comportamento em questão (RABELO; GARCIA, 2015). No Programa de Ensino “Respondo o Quê?” atribuiu-se o nome de *Hot Seat* para este recurso já consagrado na literatura e cuja forma de emprego encontra-se detalhado no Apêndice D deste trabalho.

Diante de tais considerações, e tendo em vista os objetivos do presente estudo, pode-se afirmar que os principais achados desta pesquisa foram:

1) O Programa de Ensino “Respondo o Quê?”, da forma como foi estruturado, mostrou-se efetivo para produzir mudanças no nível de conforto e capacidade dos participantes.

Os resultados apresentados na pesquisa mostraram que as médias das avaliações de conforto quanto o de capacidade nas situações-problema aumentaram significativamente após o programa. A maior média registrada antes do programa (3,64) foi para a avaliação da capacidade na situação-problema sobre *gravidez* e após o programa este mesmo componente obteve a maior média (4,16). O componente com a menor média antes do programa (2,46) foi o nível de conforto para a situação-problema sobre *mudanças corporais na puberdade*. Após o programa, este mesmo componente continuou sendo o de menor média (3,31). A análise estatística mostrou que essas, e todas as outras diferenças entre as avaliações pré e pós foram altamente significativas para todas as situações-problema analisadas, ou seja, o programa foi altamente efetivo para produzir as mudanças comportamentais desejadas.

2) O programa, da forma como foi proposto, teve impactos positivos nos conceitos sobre sexo e sexualidade dos participantes.

A análise de conteúdo que verificou os conceitos de sexo e sexualidade para os participantes mostrou que o termo sexo é de fácil compreensão para os professores, que o relacionaram ao *ato sexual*, tanto antes quanto após o programa. Embora, ao final, a compreensão de sexo como *sinônimo de gênero* tenha aumentado de frequência, e como *sentimento/prazer* ainda tenha continuado, ainda que enfraquecido.

Mesmo o Programa de Ensino tendo apresentado o termo sexo como podendo ser utilizado em dois sentidos: se referindo ao ato sexual ou às características anatômicas masculinas e femininas, e tendo distinguido os termos sexo e gênero, sendo essa última utilizada quando o contexto remetesse ao caráter social do sexo, os professores continuaram identificando o termo gênero para se referir à distinção macho/masculino e fêmea/feminino.

Quanto ao conceito sexualidade, percebeu-se que os professores traziam concepções corretas, identificando-as como relacionadas aos sentimentos, satisfação, prazer, afeto, valores e sexo, assim como ao desenvolvimento, conhecimento do corpo e suas mudanças, puberdade e aspectos fisiológicos. Após o programa, esse conhecimento foi fortalecido, tendo aumentado a frequência de ocorrência na análise das respostas.

3) Os temas das perguntas que os professores teriam dificuldade ou se sentiriam constrangidos em responder mudou qualitativamente após o programa.

As dificuldades iniciais dos professores eram com perguntas sobre *ato sexual*, o que diminuiu após o programa. Isso provavelmente pode ter ocorrido em função de que esse foi um dos conteúdos abordados. Em contrapartida, após o Programa de Ensino, a categoria *comportamento sexual* (que envolve masturbação, ejaculação, orgasmo e ereção) passou a ser o tema destacado como difícil. Ou seja, apesar do Programa de Ensino ter abordado como responder perguntas sobre masturbação, poluição noturna e orgasmo, ainda assim permaneceram dificuldades e/ou constrangimentos para tratar destes temas ao final do programa. Não é possível afirmar em função de que ocorreu esse resultado. Muito provavelmente o programa ao propor o tema, tenha levado alguns participantes a se preocuparem com questões que não haviam considerado antes.

Dificuldade com esse tema também foi identificada na pesquisa de Belo (2012) que comparou professores canadenses e portugueses quanto ao nível de conforto para trabalhar determinados temas em educação sexual. Os itens masturbação, comportamento sexual, prazer sexual e orgasmo foram os que obtiveram médias próximas a nada confortável, embora o nível de conhecimento quanto a essas três temáticas fosse mediano.

Esses dois achados em conjunto indicam que possuir informação/obter o conhecimento sobre um tema pode não ser suficiente para eliminar o constrangimento em abordá-lo com os alunos (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015).

Como efeito do programa, os temas *higiene, mudanças corporais, diferenças físicas e comportamentais*, não apareceram mais como difíceis. Isto pode ter ocorrido em função de que mudanças corporais na puberdade (menstruação) e diferenças entre corpo masculino e feminino foram assuntos abordados durante a capacitação.

4) Todos os componentes foram bem avaliados como responsáveis pelo resultado da aprendizagem proporcionada pelo programa, com destaque para a técnica de *role playing*.

Os resultados do questionário de avaliação do programa evidenciaram que o uso da técnica *Hot Seat* foi o componente melhor avaliado pelos professores, obtendo média de 4,77. Isso indica que os professores a avaliaram como altamente adequada para o treinamento, talvez pelo seu formato mais dinâmico e interativo, diferente do modelo convencional de “palestra” ou mera exposição de conteúdos.

No que diz respeito aos temas trabalhados, o melhor avaliado foi *corpo masculino e feminino* (4,66). Já o componente carga horária obteve a menor média (4,42), tendo sido sinalizado pelos participantes a necessidade de mais horas no Programa a fim de abranger outros temas. Outros Programas de Ensino sobre sexualidade propuseram carga horária superior à do Programa Respondo o quê?. Considerando que um dos objetivos do presente estudo era avaliar o seu formato, ou seja, a aplicação da técnica *role playing (Hot Seat)*, num curto espaço de tempo, e com foco temático, considera-se que este resultado não enfraquece sua efetividade, pois outros resultados deste estudo mostraram que este formato pode ser replicado abordando outros temas em sexualidade com professores.

Verificou-se que, apesar de todos os componentes do programa terem sido bem avaliados (com notas superiores à 4, em uma escala de 1 a 5), o menor efeito identificado foi quanto ao tema *mudanças corporais na puberdade* (4,48). Verificou-se coesão quanto a esse resultado, tanto na avaliação do programa, quanto no instrumento de avaliação pré e pós, tendo em vista que as menores médias foram atribuídas para este tema.

Dito de outra forma, os resultados indicam a existência de impacto positivo do programa sobre o nível de capacidade e conforto dos participantes, tendo em vista as alterações positivas significativas. Entretanto, embora com uma diferença discreta, a mudança em relação ao tema *mudanças corporais na puberdade*, foi menor do que as demais.

Por ser uma pesquisa pioneira na área, pois não foram localizados estudos brasileiros similares, nem no que diz respeito ao formato metodológico de avaliação da efetividade, nem quanto ao uso do *role playing* como técnica principal de ensino, as contribuições são ainda incipientes. Porém, a avaliação realizada permitiu identificar que o formato proposto foi efetivo na produção de mudanças comportamentais facilitadoras da condução da educação sexual pelos professores.

Com a identificação das respostas dos participantes à intervenção e da relação destas com os procedimentos implementados, foi possível também compreender melhor o processo de aprendizagem promovido por meio de um Programa de Ensino cuidadosamente programado.

Abaixo estão apresentadas algumas diretrizes para a elaboração de programas de ensino em educação sexual baseadas nas evidências produzidas por esta pesquisa. São elas:

1) *O repertório inicial dos participantes, ou seja, quais os temas de interesse, dificuldade, constrangimento ou falta de conhecimento devem ser definidos previamente. Para que o programa seja efetivo, deve atender as necessidades do público-alvo de modo a oportunizar a aprendizagem de temas específicos para os quais os participantes demonstram interesse, relatam dificuldades em lidar ou trabalhar. O levantamento do repertório inicial dos participantes permite, além do planejamento da intervenção, um parâmetro de comparação para avaliar os resultados do programa proposto.*

2) *A estruturação prévia do programa permite a condução por vários facilitadores ao mesmo tempo. Uma descrição pormenorizada dos procedimentos a serem empregados, parece dispensar o treino extensivo para os facilitadores, pois a aplicação do programa, elaborado dessa forma, necessita apenas de algum conhecimento sobre a técnica principal, o *role playing*, e uma padronização prévia do conteúdo a ser abordado.*

3) *A estruturação do programa permite a inclusão ou troca dos temas em debate, mantendo-se o role playing como estratégia principal.* A pesquisa mostrou excelente custo/benefício do uso da técnica de *role playing* como uma ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem. Entre seus efeitos se reforça a aprendizagem por meio da ação, com a simulação de problemas e sua resolução, sendo uma alternativa viável para modelar comportamentos relevantes (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012; QUIRINO, 2013). Uma vez que os participantes sinalizaram a necessidade de mais carga horária, o que se sugere é que o modelo proposto seja replicado em outros momentos com novos temas no formato de formação continuada.

Pesquisas que estudam os efeitos de diferentes formatos de transmissão da informação sobre questões relacionadas à sexualidade mostram que podem ocorrer mudanças nas atitudes, no conhecimento e no comportamento dos participantes (CAMARGO; BARBARÁ, 2004). Por outro lado, no processo de formação, nota-se que profissionais formados por meio de métodos ativos de aprendizagem, demonstram maior capacidade afetiva, de comunicação, organizacional e técnica (FRANCISCHETTI *et al.*, 2011). O *role playing* é uma técnica de ensino que compreende o aprender em ação, em que os participantes são envolvidos numa situação-problema, prevendo consequências, tomando decisões e treinando comportamentos coerentes com a análise efetuada (NESTEL; TIERNEY, 2007).

Segundo Schön (2000), toda vivência que promove a confrontação com situações mais próximas possíveis das reais, exerce impacto sobre o conhecimento, pois favorece reflexão anterior à ação. Diante disso, o uso da técnica de *role playing* em programas de ensino sobre sexualidade permite que seus participantes reflitam sobre o que pensam e sentem sobre o tema, sobre as normas sociais relacionadas, sobre o modo como geralmente agem diante da temática e vislumbrem as consequências de seu comportamento.

Moscovici (2009) aponta que quando o pensar é feito em voz alta, de forma pública, cria uma comunicação estável e capacita os sujeitos a compartilharem imagens e ideias mutuamente aceitas. Esse mecanismo auxilia na elaboração da realidade orientando as ações dos indivíduos e modificando seus processos cognitivos e práticas sociais. Uma vez que as ações são modificadas para a realização da educação sexual na escola, os sentimentos de desconforto ou

constrangimento decorrentes podem também ser minimizados, melhorando de forma efetiva, e talvez mais duradoura, a habilidade dos professores no desempenho desta tarefa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs um Programa de Ensino para professores sobre educação sexual centrado em dificuldades previamente levantadas nesta população, que se mostrou efetivo para produção de mudanças esperadas. Considera-se que o formato altamente estruturado da programação de ensino (CORTEGOSO; COSER, 2016) diferencia este estudo de outros desenvolvidos sobre sexualidade e é o principal responsável pelos resultados alcançados. A estruturação, em termos de objetivos e procedimentos, garante a homogeneidade do programa, pois padroniza as informações e comportamentos dos facilitadores durante sua aplicação.

Como já se afirmou, o Programa de Ensino proposto produziu aumento da capacidade e conforto por parte dos professores para lidar com situações e perguntas envolvendo a sexualidade de modo mais seguro frente a situações envolvendo esta temática no espaço escolar. Segundo Gislayne Carvalho (2015), a programação de ensino auxilia na preparação de professores e aumenta a probabilidade de que esses se comportem de maneira eficaz no contexto de ensino, o que pode produzir alunos mais bem preparados para situações-problema em seu cotidiano.

Considera-se que o programa avaliado no presente estudo, testado com uma amostra maior do que das pesquisas revisadas (CISOTTO, 2010; MOIZES, 2010; SEVERO, 2011; TADIELO, 2013), foi efetivo provavelmente em função do rigor na descrição dos procedimentos a serem empregados pelos facilitadores o que pode ter reduzido variações na condução dos grupos e levou ao resultado obtido. Efetividade é o resultado da interação da intervenção com o ambiente em que ele está sendo aplicado, pois o foco está na validade externa (NASH; McCRORY; NICHOLSON; ANDRASIK, 2005). Uma vez que o programa visou à adaptação ao *setting* natural, por meio *role playing*, considera-se que esse critério das pesquisas de efetividade de programas foi atendido.

A mensuração dos resultados de forma indireta, por meio da autoavaliação dos participantes pode ser considerada uma limitação deste estudo. Medidas do impacto direto do programa sobre as habilidades dos professores na prática poderia fornecer dados mais concretos sobre o efeito do programa. Este problema pode ser minimizado em pesquisas futuras por meio do emprego do método observacional. Outra limitação relacionada refere-se à identificação apenas dos efeitos de curto

prazo. Pesquisas que incluíssem medidas de acompanhamento (*follow up*) poderiam fornecer dados sobre a permanência dos efeitos ao longo do tempo.

O Programa de Ensino “Respondo o quê?” pode ser considerado um modelo alternativo de formação continuada para professores. Recomenda-se a realização de outros estudos que verifiquem os efeitos deste formato com acadêmicos de cursos de licenciatura, adaptando-o para a formação inicial de professores. Outra indicação para pesquisas posteriores se refere à elaboração de cartilhas, apostilas e outros materiais impressos para professores sobre o tema, conforme indicado pelos participantes da pesquisa como sugestão no instrumento de avaliação. Outra possibilidade diz respeito à cursos a distância sobre sexualidade que poderiam ser ofertados para professores que buscam obter mais conteúdo nesta temática, visto que a revisão de literatura realizada nesta pesquisa mostrou que é possível utilizar recursos online para formação continuada em sexualidade (FERREIRA, 2015).

Finalmente, identificar variáveis das quais pode depender a efetividade de um determinado programa de ensino favorece a formulação de estratégias catalizadoras do processo de mudança (PEUKER; HABIGZANG; KOLLER; ARAÚJO, 2009). Estimular a reflexão sobre a complexidade da sexualidade, a importância da educação sexual para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, por meio da programação de ensino e da técnica de *role playing*, são variáveis relevantes a serem consideradas em programas que visem o aprimoramento do saber e agir docente nesta área. Investigações, como a aqui relatada, contribuem à área de ensino, pois fomentam a discussão teoria-técnica e produzem conhecimento útil ao atendimento adequado das demandas dos professores, o que repercute em sala de aula, um dos espaços onde a Educação Sexual acontece.

REFERÊNCIAS

ABNT, NBR 10520. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/nbr10520-original.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018

ALCASO, Teresa. **Promoção de competências sociais na área da sexualidade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Portugal, 2009. 69f. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3736/1/4753.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ALVAREZ, Maria João; PINTO, Alexandra Marques. Educação sexual: atitudes, conhecimentos, conforto e disponibilidade para ensinar de professores portugueses. **Aletheia**, n.38-39, dez. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n38-39/n38-39a02.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos.; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L.; ALVES, L. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. Disponível em: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/124590/mod_resource/content/1/Txt%20B13_Anastasiou_estrategias%20de%20ensino.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017.

ANDRADE, Mariza. **Investigação sobre a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II**. 2011. 40f. Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, PR, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/MARIZA%20ANDRADE.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

ANDRE, Marli E.D. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre formação docente**. Belo Horizonte, MG, v. 1, n.1, p.41-56, 2009. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/7/1>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ARRETCHE, Marta T.S. Tendências no estudo sobre avaliação. In: RICO, E. M. (Org). **Avaliação de políticas sociais**: uma questão em debate. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ – AMOP. Departamento de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal**: Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais. Cascavel: AMOP, 2015. Disponível em: <https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/curriculo_basico_3_edicao_2015.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BACCO JUNIOR, Arnaldo Martinez. **Breve olhar sobre a sexualidade na fala dos professores da educação de jovens e adultos**. 2009. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP: Araraquara, SP, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90291/baccojunior_am_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jul. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 225 p. 1977.

BARRETO, Andreia dos Santos Monsore de Assumpção. **Educação para igualdade na perspectiva de gênero**. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em bens culturais e projetos sociais). Fundação Getúlio Vargas – FGV, Rio de Janeiro, 2012. 155f. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10264/Andreia_Assump%C3%A7%C3%A3o_final.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 09 set. 2016.

BATANETE, Ermelinda; LOPES, Manuel José; ARRANCA, Agostinho. Educação sexual no 2. ciclo do ensino básico do diagnóstico de situação à intervenção. **Repositório Universidade de Évora**, Portugal, maio de 2012. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/7327>>. Acesso em: 02 out. 2017.

BELO, Marta da Silva Prata. **Educação sexual em meio escolar: perspectivas dos professores**. 2012. 71f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Lisboa, Portugal, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6931/1/ulfpie040155_tm.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BRÁS, Manuel; *et al.* Masturbação, uma expressão normal da sexualidade na adolescência, a óptica dos enfermeiros dos CSP. **International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología**, Nº1-v.1, p. 591-598, 2012. Disponível em: <http://infad.eu/RevistaINFAD/wp-content/uploads/2013/02/INFAD_010124_591-598.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. República Federativa do Brasil. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 03 abr. 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Orientação Sexual** Brasília: ME/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

_____. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7. ed. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2010.

_____. República Federativa do Brasil. **Resolução n. 4 de 12 de julho de 2010**. Define diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 824, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2016.

_____. República Federativa do Brasil. **Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Lex: Coletânea de Legislação e Jurisprudência, Brasília, p. 59-62, jun. 2. Trim. 2013. Legislação Federal e marginália.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2013.

BONFIM, Claudia Ramos de Souza. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas**: contradições, limites e possibilidade. 2009. 272f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas – SP, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Ciencias/teses/tese14edusexual_prof.pdf>. Acesso em: 15 set. 2016.

CALADO, Luís Francisco. **Educação sexual no 1. ciclo do ensino básico**: concepções dos professores de um agrupamento de escolas. 2011. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6249/1/ulfpie040007_tm.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, Campinas – SP, 1999.

CAMARGO, Brígido Vizeu; BARBARÁ, Andréa. Efeitos de panfletos informativos sobre a AIDS em adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 3, set-dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722004000300010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 dez. 2017.

CAMPOS, Cassiane. A ciência da sexualidade e a curiosidade de crianças púberes: reflexões acerca de uma aula sobre o sistema reprodutor. **Revista Política e Trabalho**, n. 43, p. 133-148, jul-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/24594/14980>>. Acesso em: 11.10.2017.

CAMPOS, Thaís Emília de. **Educação sexual e autonomia**: estudo de uma intervenção com alunos do ensino médio do interior do Estado de São Paulo. 2015.

143f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília – SP, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/campos_te_me_mar.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CARVALHO, Gislayne de Souza. “**Estabelecer objetivos de ensino**”: um programa de ensino para capacitar futuros professores. 2015. 442f. Dissertação (Mestrado em Análise do comportamento). Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2015/12/%E2%80%9CEstabelecer-objetivos-de-ensino%E2%80%9D-um-programa-de-ensino-para-capacitar-futuros-professores.pdf>>. Acesso em: 03.11.2017.

CARVALHO, Graça Simões de. **Promoção da saúde: conceitos e experiências em programas de educação sexual em Portugal**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, editora LDA, vol. 2., p.4. 2015. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/37730>>. Acesso em: 28 set. 2016.

CERDEIRA, Ana Inês Fernandes. **Avaliação de programas: Avaliação da efectividade do projecto de educação sexual no desenvolvimento de conhecimentos e competências envolvidos na vivência da sexualidade**. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Universidade de Lisboa, Portugal, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9811>>. Acesso em: 25 set.2016.

CERQUEIRA, Rosilene Souza Gomes. **Educação em sexualidade na escola: entre a normalização e a perspectiva dos direitos humanos**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_be743fab74e890d659b88f5d2ce836ad>. Acesso em: 14 ago. 2016.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos na empresa: pessoas, organizações e sistemas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1994, p. 67-76.

CISOTTO, Laurindo. **A formação docente continuada sobre a educação para a sexualidade, em uma escola pública no município de Diadema: a ótica de professores participantes e gestora**. 2010. 310f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/9542#preview-link0>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CORTEGOSO, Ana Lucia; COSER, Danila Secolim. **Elaboração de programas de ensino**. Material autoinstrutivo. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

D’ANDREA, Anna Claudia Eutrópio Batista. **Movimentos e articulações: uma análise das iniciativas de formação de educadoras/es em sexualidade na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (1989-2009)**. 2014. 199f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de

Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2014. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9LVNW6/tese_anna_cl_udia_vers_o_final_revisada.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 ago. 2016.

DATASUS. **Departamento de informática do Sistema Único de Saúde.** Informações de Saúde. Estatísticas Vitais. Disponível em:
<<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

DREYER, Laysa. **Dificuldades de professores do ensino público na implementação de ações de educação sexual com crianças.** 2014. 50f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem). Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Foz do Iguaçu, PR, 2014.

DUARTE, Vanessa. **A educação sexual e o adolescente: um novo olhar frente ao desafio.** 2012. 58f. Monografia (Graduação em Educação). Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, 2012. Disponível em:
<<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/VANESSA%20DUARTE.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

ECHER, Isabel Cristina. Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, set-out, vol. 13, n.5, p. 754-757, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2146>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

EYBERG, Sheila. Consumer satisfaction measures for assessing parent training programs. In: Vandecreek, L.; Knapp, S.; Jackson, T.L. (Eds). **Innovations in clinical practice: A source book** (v.12). Sarasota, FL: Professional Resource Press.

FACHIM, Felipe Luis. **Quem vai falar da e com a juventude LGBTQ na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico.** 2017. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo – SP, 2017. Disponível em:
<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19942/2/Felipe%20Luis%20Fachim.pdf>> Acesso em: 09 out. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Gabriela Rossetti. **Cursos de formação em educação sexual que empregam as tecnologias digitais.** 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, Araraquara, SP, 2015. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/3680.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2016.

FERREIRA, Manuela; NELAS, Paula Batista. Adolescências... Adolescentes. **Millenium - Revista do ISPV**, n. 32, fevereiro de 2006. Disponível em:
<<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium32/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. **Semina**, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/viewFile/9475/8267>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

_____. A formação de educadores sexuais. **IV Educere – PUCPR, II Congresso Nacional da área de educação**, 2004. Disponível em: <<http://pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2006. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

_____. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel, 3 ed. 2010.

_____. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2 ed. 2014.

FLORES, Aida Mair Prado. **Sexualidade**: representações de professores do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSM, Santa Maria, 2004. 127f. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/18/TDE-2007-11-29T173626Z-1061/Publico/AIDA%20FLORES.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

FRANCISCHETTI, Ieda. *et. al.* **Role-playing**: estratégia inovadora na capacitação docente para o processo tutorial. **Interface (Botucatu)**, v. 15, n. 39, out-dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000400019>. Acesso em: 07 dez. 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: Caldart, R. (et al.). **Dicionário da Educação de Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FURLANI, Jimena. **Abordagens contemporâneas para Educação Sexual**. Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. 2 ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância**: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidade e perspectivas emancipatórias. 2009. 257f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1463_1531_GagliottoGiseliMonteiro.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2016.

GARCIA, Osmar Arruda. **Marcas da experiência na formação docente em gênero e diversidade sexual**: um olhar sobre o curso “gênero e diversidade na escola

(GDE). 2015. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20072015-122633/pt-br.php>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

GARIOLI, Danielle Karla. **O significado da maternidade para mães de 10 a 14 anos**. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1428/1/O%20significado%20da%20maternidade%20para%20m%C3%A3es%20de%2010%20a%2014%20anos.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

GATTI, Bernadete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil na última década. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 57-70, jan/abr, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro; PANISSON, Gelson. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia e Sociedade**, n 27, p. 558-568, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n3/1807-0310-psoc-27-03-00558.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

GROFF, Alcione Maria. **Transição entre a infância e a adolescência: concepções de alunos, professores e pais sobre sexo e sexualidade**. 2015. 153f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2015/d2015_Alcione%20Maria%20Groff.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2016.

GURGEL, Maria Gledes Ibiapina. *et al.* Gravidez na adolescência: tendência na produção científica. **Esc Anna Nery Ver Enferm.**, v. 12, n. 4, p. 799-05, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000400027 . Acesso em: 03 jan. 2017.

HAMPEL, Alissandra. **“A gente não pensava nisso...”**: Educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha/RS. 2013. 302f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/83298/000906085.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

HEIDARI, Shirin. *et al.* Equidade de sexo e gênero na pesquisa: fundamentação das diretrizes SAGER e uso recomendado. **Epidemiol. Serv. Saúde**, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/2017nahead/2237-9622-ress-s1679-49742017000300025.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017.

KONRATH, Vera Lucia. **Educação sexual nas escolas: marcas e concepções culturais**. 2012. 94f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas). Centro Universitário Univates. Lajeado, RS, 2012. Disponível em:

<<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/298/1/VeraKonrath.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Violência sexual contra crianças e adolescentes: contribuições da psicologia no processo de prevenção. **Psicol. Ensino e Form.** v. 4, n. 2, Brasília, 2013. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000200008>. Acesso em: 18 mar. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente**, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan-jun 2011. Belo Horizonte, MG, 2011.

MACHADO, Carla Manuela Bernardo. **Vivências da mulher em situação de interrupção voluntária da gravidez por malformações fetais**. 2010. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Enfermagem). Universidade do Porto, Portugal, 2010. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26620/2/TESE%20MESTRADO%20CARLA.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2016.

MACIEL, Leia Teixeira Lacerda. **Corpos, culturas e alteridade em fronteiras: educação escolar e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS entre indígenas da Reserva Kadiwéu, Mato Grosso do Sul – Brasil**. 2009. 246f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122009-154200/pt-br.php>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. **Sexualidade e deficiências no contexto escolar**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, SP, 2003.

_____. **Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá, 2011.

MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. **Projetos de orientação sexual na escola: seus limites e suas possibilidades**. 2006. 243f. Dissertação (Mestrado em Ensino de ciências e educação matemática). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000115892>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MANTOVANI, Gabriela; *et al.* Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. Contexto e educação. **Editora Unijuí**, ano 29, n. 92, p.72-90, jan-abr, 2014.

MARINHO, Alexandre; FAÇANHA, Luís Otávio. Programas sociais: efetividade, eficiência e eficácia como dimensões operacionais da avaliação. **Instituto de pesquisa econômica aplicada – IPEA**: Rio de Janeiro, RJ, abril de 2001.

Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0787.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MARTIN, Selma Alves de Freitas. **Educação sexual na escola: concepções e práticas de professores**. 2010. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/92237>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MENEGHETTI, Vanize. **Dificuldades relatadas por professores do Ensino Fundamental na implementação de ações de educação sexual**. 2016. 82f. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu – PR, 2016. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2224>. Acesso em: 03 mar. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2016.

MOIZES, Julieta Seixas. **Educação sexual, corpo e sexualidade na visão de alunos e professores do Ensino Fundamental**. 2010. 126f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica). Universidade de São Paulo, USP, Ribeirão Preto, SP, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-03082010-160112/pt-br.php>>. Acesso em: 04 out. 2016.

MORAES, Luciene Aparecida Souza Silva. **Processo de construção da identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola**. 2011. 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_MoraesLA_1.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Vozes: Petrópolis, RJ, 2009.

NASH, Justin M.; McCRORY, Douglas; NICHOLSON, Robert; ANDRASIK, Frank. Efficacy and effectiveness approaches in behavioral treatment trials. **Headache**, n. 45, p. 507-512, 2005. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1526-4610.2005.05102.x>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

NELSON, Geoffrey; WESTHES, Anne; MACLEOD, Jennifer. A meta-analysis of longitudinal research on preschool prevention programs for children. **Prevention & Treatment**, 6 (1), 2013. Disponível em: <<http://journals.apa.org/prevention/volume6/pre0060031a.html>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

NESTEL, Debra; TIERNEY, Tanya. Role-play for medical students learning about communication: guidelines for maximising benefits. **BMC Med. Educ.**, v.7, n. 3, p. 1-9, mar. 2007. Acesso em: 07 dez. 2017.

NICOLINO, Aline da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade no estado de Goiás: o que mostram as dissertações e teses. **Educar em Revista**. Ed. Especial, n.1, p.171-193, Curitiba, PR, 2014.

NUNES, César. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2 ed, Campinas: Autores Associados, 2006.

NUNES, César.; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

NUNES, Ednalva Macedo. **Gênero e diversidade na escola**: limites e possibilidades na formação de professores (as). 2015. 161f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 2015. Disponível em:

<<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1884/1/Ednalva%20Macedo%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

OLIVEIRA, Samuel Godinho Mandim. **Formação inicial docente para a educação sexual**: revelando realidades de licenciaturas em ciências biológicas. 2016. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciência), Bauru, SP, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138203/oliveira_sgm_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 25 nov. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Growing in Confidence**: programming for adolescent health and development – lessons from eight countries. Department of Child and Adolescent Health and Development. 2002.

_____. **Orientações para o tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Genebra, Suíça, 2005. Disponível em:

<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42782/2/9248546269_por.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

ORIANI, Valéria Pall. **Relações de gênero e sexualidade na educação infantil**: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas. 2015. 101f. Tese (Doutorado). Unesp. Marília, SP, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/128106>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

PAES, Daniela Cristina; FAVORITO, Ana Paula; GONÇALVES, Randys Caldeira. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer?. **Multi-Science Journal**, 1(3), p.69-78, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/35962335-Educacao-sexual-nas-series-iniciais-do-ensino-fundamental-o-que-educadoras-da-rede-municipal-de-ensino-de-pires-do-rio-goias-tem-a-dizer.html>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

PANTOJA, Florinaldo Carreteiro. **A educação sexual no Amapá: experiências e desafios docentes**. 2013. 156f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13674/1/EducacaoSexualAmapa.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

PAULOS, Liliana; VALADAS, Sandra T. Avaliação da implementação da Educação Sexual em contexto escolar, na região de Algarve. A perspectiva de atores educativos responsáveis pela Educação para a Saúde/Educação Sexual. **Revista Portuguesa de Educação**, p. 155-181, Portugal, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/374/37443385008.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

PAZ, Claudia Denis Alves. **“Eu tenho esse preconceito, mas eu sempre procurei respeitar os meus alunos”**: desafios da formação continuada em gênero e sexualidade. 2014. 221f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília – UNB, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17259>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

PERDOMO JUNIOR, Joeli Dias. **A temática sexualidade como geradora de uma proposta interdisciplinar**: contribuições para a formação de professores da rede pública. 2015. 68f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Santa Maria, RS, 2015. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7211> . Acesso em: 16 dez. 2016.

PEREIRA, Zilene Moreira. **Sexualidade e gênero na pesquisa e na prática de ensino em biociências e saúde**. 2014. 214f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde), Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/13823>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

PERINI, Camila; ACIOLI, Sonia; FERRACIOLI, Patricia. Identidade e cultura na sexualidade e prevenção do HIV dos adolescentes: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Fluminense de Medicina**: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://amf.org.br/Revista%20fluminense%20de%20Medicina/2012/9-Identidade%20e%20cultura%20na%20sexualidade.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PEUKER, Ana Carolina; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Sílvia Helena; ARAÚJO, Lisiane Bizarro. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. **Psicologia em Estudo**, v.14, n.3, p. 439-445, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000300004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 abr. 2018.

PINTO, Viviani Cavalcanti. **Educação sexual nas escolas públicas de Pernambuco**: uma questão de direitos humanos. 2015. 166f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16914>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

_____. **Sexualidade na escola**: discursos de alunos, mães e professores. 2016. 177f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de

Pernambuco, Recife, PE, 2016. Disponível em:
<http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1171>. Acesso em:
28 abr. 2017.

QUARTIERO, Eliana Teresinha. **Longe demais das capitais: distâncias e desigualdades**. 2014. 202f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/108583>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

QUIRINO, Maria José da Silva Oliveira. **O roleplaying game (RPG) como estratégia didática lúdica: a qualidade do ensino de ciências**. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências). IFPR, Nilópolis, RJ, 2013. Disponível em: <http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/6903>. Acesso em: 07 dez. 2017.

RABELO, Lísia; GARCIA, Vera Lucia. Role-play para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e relacionais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v39n4/1981-5271-rbem-39-4-0586>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

REATO, Ligia de Fátima Nóbrega. Desenvolvimento da sexualidade. IN: _____ **Manual de Atenção à saúde do adolescente**. Secretaria da saúde de São Paulo, CODEPS, 2006. Disponível em: <http://www.tele.medicina.ufg.br/files/palestras-material/Manual_do_Adolescente.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho adolescente sobre sexo**. Academia de Inteligência: 2009.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Por minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da Inquisição dos séculos XVI e XVII. In: **Anais da 28 Reunião Anual da ANPED**. 40 anos de pós-graduação em educação no Brasil. Rio de Janeiro: Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação, 2005.

MARTINS, Claudete Santos. **Educação sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental: concepções e práticas**. 2011. 188f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe – UFS. São Cristóvão – SE, 2011. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5191/1/CLAUDETE_MARTINS_SANTOS.pdf> .
Acesso: 22 nov. 2016.

SANTOS, Mara Lúcia Blanc dos. **Imagem corporal, a atividade física e variáveis biossociais em diferentes momentos da menarca**. 2016. 123f. Tese de Doutorado. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/5899/1/phd_mlbsantos.pdf>. Acesso em:
10 mar. 2017.

SANTOS, Rita de Cássia Ferreira dos. **Violência sexual e a formação de educadores: uma proposta de intervenção**. 2011. 198f. Dissertação (Mestrado em

Educação). UNESP, Presidente Prudente, SP, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/92264>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

SCHON, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SECRETARIA DA SAÚDE DE SÃO PAULO. **Manual de atenção à saúde do adolescente**. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde – CODEPS. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.tele.medicina.ufg.br/files/palestras-material/Manual_do_Adolescente.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016.

SEVERO, Rafael Adriano de Oliveira. **Gênero e sexualidade: o itinerário de um grupo de discussão como possibilidade formativa**. 2011. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13917/1/Rafael%20Adriano.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; FREITAS, Maria José de. **Unidade 1 – Sexualidade: Dimensão conceitual, diversidade e discriminação**. Semana 3 – Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero. Material do curso de especialização em gênero e diversidade na escola. 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39169>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças e nas práticas escolares**. 2015. 333f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15022016-091113/pt-br.php>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

SILVEIRA, Jennifer Martins. **Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-Goiás, Goiânia – GO, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PGOI_d4c3a2ccc7e54431544632db003efbbb>. Acesso em: 28 nov. 2016.

SOUZA, Marcilene Mendes. **Educação em sexualidade: a Web Educação Sexual em ação**. 2017. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP – Campus de Araraquara, Araraquara, SP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150256/souza_mm_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 09 out. 2017.

SOUZA, Viviani Bonani de; ORTI, Natália Pinheiro; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Role-playing como estratégia facilitadora da análise funcional em contexto clínico. **Rev. Bras. Ter. Cogn.** v. 14, n. 3, São Paulo, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452012000300006>. Acesso em: 29 nov. 17.

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. **Psicopedagogia**, vol.32, n.97, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100007>. Acesso em: 10 out. 2016.

SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carmita Helena Najjar. O termo gênero e suas contextualizações. **Revista Diagn Tratamento**, p. 42-44, 2014. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2017.

TADIELO, Francine Netto Martins. **Oficinas como dispositivo na formação de professores**: produção discursiva sobre sexualidade. 2013. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2013. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5419>. Acesso em: 27 nov. 2016.

THOMAS, C.A. Can it be done for less: a model for effective applied behavior analysis training in school districts. **The Journal of Early and Intensive Behavioral Intervention**, 2, p. 99-102. 2005. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/fulltext/2014-52007-004.html>>

TORRES, Marcelo. **Estado, democracia e administração pública no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TUCKMANTEL, Maisa Maganha. **A educação sexual, mas qual?** : diretrizes para a formação de professores em uma perspectiva emancipatória. 2009. 401f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000449683>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

VIEIRA, Maria Isabel dos Santos. **Orientação sexual e HPV**: as concepções docentes e a construção de uma proposta colaborativa de formação continuada para professores do ensino fundamental. 2016.100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto – MG, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/6485>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health**. Switzerland: WHO, 2007. Disponível em: <<http://www.who.int/reproductivehealth/en/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. **Estrategia Mundial para la Salud de la Mujer, el Niño y el Adolescente** (2016-2030). WHO, 2015. Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/es/>. Acesso em: 05 jun. 2016.

YANO, Karen Murakami; RIBEIRO, Moneda Oliveira. O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. **Rev. Esc. Enferm. USP**, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000600006>. Acesso em: 15 out. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Programa de Ensino em Educação Sexual para professores do Ensino Fundamental I: Elaboração e Avaliação

Pesquisadora responsável: Cynthia Borges de Moura Tel: (45) 9115-0801

Pesquisadora colaboradora: Carla Elias de Moura Tel: (45) 9842-4884

Convidamos você a participar da nossa pesquisa que tem o objetivo propor e avaliar um Programa de Ensino em educação sexual com professores do Ensino Fundamental I da rede pública do município de Foz do Iguaçu – PR com base em levantamento prévio das necessidades apontadas por estes profissionais. Esta pesquisa visa estimular reflexão acerca desta temática socialmente relevante.

A participação na pesquisa pode causar algum constrangimento em relação a auto exposição que o tema certamente envolve. Por esse motivo garante-se ao participante o sigilo das informações. Os que se recusarem a participar não sofrerão nenhum tipo de prejuízo, pois não se divulgará essa informação.

Para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento. A sua participação na pesquisa é de suma importância para conseguirmos identificar quais as ações mais pertinentes na implementação da educação sexual com alunos do 4º e 5º ano, tendo em vista a produção de conhecimento relevante para posterior aprimoramento das ações de educação sexual.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

- 1) Receber cópia deste termo, assim como, resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
- 2) Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo a minha atividade profissional;
- 3) Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade;
- 4) Saber que não receberei pagamento nem terei que pagar pela minha participação a pesquisa;
- 5) Procurar esclarecimentos com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste - CEP, através do telefone (45) 3220-3272, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.

Declaro estar ciente do exposto e expresso meu consentimento em participar da pesquisa acima citada, assinando o presente termo.

Assinatura do participante: _____

Eu, _____, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

Telefone para contato e disponibilidade para participar da capacitação:

APÊNDICE B – Instrumento de Situações-Problema sobre Sexualidade



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO
– NÍVEL MESTRADO

INSTRUMENTO PRÉ E PÓS PROGRAMA DE ENSINO

Dados Gerais do Respondente:

Data: ____/____/____

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade: _____ anos
3. Titulação Acadêmica: _____
4. Há quanto tempo leciona? _____
5. Para você, o que é sexualidade?

6. Para você, o que é sexo?

7. Descreva perguntas que você não saberia ou se sentiria constrangido para responder sobre sexualidade caso fossem feitas por alunos entre 9 a 11 anos.

SITUAÇÕES-PROBLEMA SOBRE SEXUALIDADE

Este instrumento apresenta várias situações-problema sobre sexualidade, e para cada uma delas uma resposta-modelo. Leia cada uma delas e avalie o quanto você seria capaz de dar uma resposta similar ao modelo, e o quanto você se sentiria confortável em fazê-lo. Por favor, responda da maneira mais sincera possível. Obrigado pela cooperação.

Situação 1

Durante a aula de matemática, o professor do quinto ano está passando atividades de raiz quadrada. Uma das questões é: “Qual a raiz de quatro?”. Seus alunos então começam a rir e fazer piadinhas com o termo “de quatro”. Neste momento, o professor questiona porque eles estão rindo do termo utilizado, até que um aluno diz que é uma posição para fazer sexo, e a turma se agita. Diante disso, o professor espera os alunos se acalmarem e explica que o termo “de quatro” tem múltiplos significados de acordo com o contexto utilizado e que no sentido sexual é algo normal, que a relação sexual entre duas pessoas pode ocorrer de diversas formas e até mesmo em posições diferentes. Contudo, isso deve acontecer de maneira saudável e prazerosa. Ainda, fala que isso deve acontecer em um momento em que estas duas pessoas estejam preparadas e tenham idade para decidir o que podem fazer com seu próprio corpo. Para finalizar, o professor explica que esse termo não precisa ser tratado com constrangimento ou piadas.

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

Situação 2

Maria é professora de uma turma de quarto ano e percebe que dois de seus alunos estão conversando e fica escutando. O aluno A fala para o aluno B: “a minha irmã faz xixi onde sai o cocô”. O aluno B diz: “não, a sua irmã faz xixi onde ela tem a perereca”. O aluno A, revoltado, responde: “A minha irmã não tem perereca, ela é igual a mim, ela tem a mesma coisa que eu, só que o pipi dela é menor”. O aluno B diz: “Não, ela não tem pipi como a gente, ela tem a perereca e não tem pipi lá. Só as meninas têm”. Inconformado, o aluno A se vira para a professora e fala: “Professora, você que é menina, não é que você tem um pipi bem pequeno e o seu xixi sai por onde você faz cocô?”.

Diante disso, a professora Maria reflete por alguns segundos sobre a situação, então **pontualmente com os dois alunos senta-se com eles** e faz a seguinte explicação: explica que o corpo da menina e do menino são parecidos, mas não são iguais. Tanto a menina como o menino precisam fazer as funções fisiológicas que é fazer “xixi” e fazer “cocô”. As partes do corpo da menina que fazem o xixi é o canal da uretra que está localizado na vagina, ou seja, é um pequeno orifício ou buracinho por onde sai apenas o xixi. A menina ainda tem também o ânus por onde sai o cocô, ou seja, são lugares diferentes. Já o menino tem o pênis, esta parte do corpo do menino fica mais visível do que nas meninas, pois ele está para fora do corpo do menino, já nas meninas a vagina fica mais interna. Assim o pênis dos meninos tem um orifício na ponta, ou seja, um buracinho que também é chamado de uretra por onde sai o xixi e os meninos também têm o ânus por onde sai o cocô. E vemos que tanto ao menino e a menina tem órgãos com os mesmos nomes, mas que estão localizados em lugares diferentes no corpo de cada um.

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem onfortável	Bastante Confortável

Situação 3

Uma aluna do quarto ano resolve contar uma novidade para seus colegas: sua irmãzinha acaba de nascer de parto normal. Algumas crianças, não sabendo o que parto normal significa, questionaram a professora sobre o termo. Diante disso, a professora: primeiro **pergunta o que seus alunos** acham que significa, escuta a resposta deles e depois apresenta que o bebê pode nascer de duas maneiras: por parto normal ou por cesárea. O parto normal é quando a criança sai pela vagina da mãe, já a cesárea é uma cirurgia em que o médico faz um corte na barriga da mãe para a criança nascer.

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

Situação 4

O professor do quarto ano resolveu passar um filme para seus alunos. Durante a atividade, percebe que um de seus alunos está se masturbando dentro da sala. O professor caminha discretamente até o lado do aluno e pede que ele não faça isso agora, porque não é o momento nem o lugar para ficar se tocando e pergunta se ele quer sair por um momento. Pontualmente, senta-se com o aluno, explica que devido às mudanças do seu corpo, realizar a masturbação é algo natural, até mesmo porque estimula a sensação de prazer e satisfação. Mas que deve ser realizada em locais adequados e privados, onde a pessoa não se exponha e não expondo outras pessoas, ou seja, na escola não é o local apropriado para isso.¹⁴

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

¹⁴ Uma alternativa é que em outro momento o professor trabalhe o tema masturbação com toda a turma.

Situação 5

A professora chega na sala de aula do quinto ano para a disciplina de ciências e diz: “Pessoal, hoje falaremos sobre os órgãos genitais e aparelhos¹⁵ reprodutores”. Neste momento, um aluno fala: “Professora, você vai ensinar para a gente sobre o nosso ‘pau’?”. Diante disso, a professora explica que nesta aula ensinará sobre os órgãos genitais masculinos e femininos sim, e que para iniciar o assunto, é importante apresentar a nomenclatura correta para todos: o órgão genital feminino externo é a vulva e o órgão genital masculino externo é o pênis. Porém, esses órgãos fazem parte do sistema genital, que é composto por vários outros órgãos, que serão estudados na aula.¹⁶

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

Situação 6

Um aluno do quinto ano comenta com a professora que ouviu sua mãe conversando com sua irmã de 16 anos que quando o pênis se encontra com a vagina, a mulher fica grávida. O aluno então pergunta se é isso mesmo que acontece. A professora diante da situação, **pergunta ao aluno** o que ele acha? Se ele saberia dizer como alguém engravida? Assim, deixa que o aluno verbalize sua opinião e identifica o nível de conhecimento que ele tem sobre o assunto. Em seguida, explana sobre o assunto, discorrendo que sim, que geralmente a gravidez acontece quando duas pessoas de sexo oposto (uma mulher e um homem) tem relação sexual, ou seja, quando há contato da vagina com o pênis, porém, não são em todas as situações que a mulher fica grávida, dependerá do período fértil, senão o casal não utiliza métodos contraceptivos como camisinha ou pílula anticoncepcional. Ainda, relata que os jovens e adultos¹⁷ tem relação sexual por prazer, não apenas para reprodução.

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

¹⁵ Nota da autora: Atualmente se utiliza o termo sistemas, não mais aparelho reprodutor.

¹⁶ Nesta situação a professora pode trabalhar o uso dos apelidos, identificando com os alunos quais os termos que conhecem para se referir aos órgãos genitais.

¹⁷ Leia-se: jovens, adultos e idosos.

Situação 7

Na turma do quinto ano, a professora está dando uma aula sobre satisfação pessoal, o que deixam as pessoas felizes, e logo vai apresentando alguns exemplos desse sentimento, como: quando conseguimos ganhar um jogo, quando ganhamos um presente muito desejado, quando fazemos uma viagem esperada, e logo a professora foi interrompida com a fala de uma aluna que diz: “*Bom mesmo é fazer sexo*” (e em seguida, muitos risos na sala de aula). A professora então aproveita o comentário e trabalha com seus alunos que a atividade sexual proporciona satisfação sim, mas que não é o único aspecto da sexualidade capaz de possibilitar prazer. Por exemplo: receber e dar abraços para pessoas por quem temos afeto, beijar, a masturbação, praticar esportes, etc. Ainda, enfatiza que determinadas atividades só podem ser feitas por adultos e adolescentes como sexo, pular de paraquedas, etc.

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

Situação 8

Joana é professora do quinto ano e durante a aula de português, uma aluna fala: “Professora, uma amiga minha sujou a calcinha de sangue e a mãe dela explicou que ela virou mocinha. Isso vai acontecer comigo também? Fiquei com medo”. Joana em seguida **se dirige até a carteira da aluna e lhe explica** que uma das mudanças no corpo da menina quando entra na puberdade, é a menstruação que geralmente acontece entre 10 a 14 anos. Fala que a menstruação é uma das alterações corporais das pessoas do sexo feminino, ou seja, é quando a menina apresenta um leve sangramento pelo canal vaginal. Tranquiliza a aluna dizendo que isto vai acontecer todos os meses durante alguns dias, parece um pouco assustador, mas a menstruação é um sinal que seu corpo está funcionando de forma saudável. Lembrando que seu corpo está em processo de desenvolvimento, então muitas mudanças vão acontecer, mas todas fazem parte do crescimento. Em seguida a professora pede para que todos os alunos façam uma pesquisa sobre o órgão genital feminino.

1. O quanto você se sente capaz de dar uma resposta similar a esta?

1	2	3	4	5
Não me sinto capaz	Pouco Capaz	Suficiente	Bem Capaz	Muito Capaz

2. O quanto você se sente confortável em dar uma resposta como a do modelo?

1	2	3	4	5
Muito desconfortável	Pouco Confortável	Confortável	Bem Confortável	Bastante Confortável

APÊNDICE C – Instrumento de avaliação dos componentes do programa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO –
NÍVEL MESTRADO

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES DO PROGRAMA DE ENSINO

Nome: _____ Data: _____
_____/_____/_____

Por favor, para cada questão, circule a resposta que melhor expresse como você realmente se sente.

1. Quanto a como explicar aos meus alunos sobre corpo masculino e feminino, acho que aprendi:

1. Nada 2. Muito pouco 3. Poucas novas formas 4. Algumas formas úteis 5. Muitas formas úteis

2. Quanto à explicação sobre mudanças corporais na puberdade, acho que aprendi:

1. Nada 2. Muito pouco 3. Poucas novas formas 4. Algumas formas úteis 5. Muitas formas úteis

3. Quanto à explicação sobre relações sexuais, acho que aprendi:

1. Nada 2. Muito pouco 3. Poucas novas formas 4. Algumas formas úteis 5. Muitas formas úteis

4. Quanto à explicação sobre gravidez, acho que aprendi:

1. Nada 2. Muito pouco 3. Poucas novas formas 4. Algumas formas úteis 5. Muitas formas úteis

5. Os recursos audiovisuais utilizados foram satisfatórios quanto à quantidade e qualidade:

1. Discordo totalmente 2. Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo 5. Concordo totalmente

6. Quanto a realização do treinamento por meio da dinâmica *Hot Seat*, acho que foi:

1. Inadequado 2. Parcialmente inadequado 3. Parcialmente adequado 4. Adequado 5. Muito adequado

7. Quanto à carga horária do curso:

1. Péssimo 2. Ruim 3. Regular 4. Bom 5. Ótimo

8. Escreva abaixo sugestões para possíveis adequações desse Programa de Ensino.

APÊNDICE D – Descrição do Programa de Ensino “Respondo o quê?”

Descrição do Programa de Ensino “Respondo o quê?”	
<p>Apresentação do Programa de Ensino e seus Participantes</p> <p>Duração: Aprox. 20 min.</p>	<p><u>Desenvolvimento</u></p> <p>Apresentação do formato do programa e dos conceitos que serão trabalhados; Apresentação dos participantes por meio da dinâmica da cartola: Uma cartola de mágico contendo cartões com as seguintes palavras: <i>sexo oral, sexo anal, ejaculação, masturbação, orgasmo, pênis, vulva, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, AIDS, abuso sexual e transar</i>, era passada por todos os participantes que sorteavam uma palavra da cartola.</p> <p>Concomitantemente, a coordenadora explicava o motivo de utilizar uma cartola: em muitas ocasiões, os professores são surpreendidos com perguntas de seus alunos ou presenciam situações e têm que “retirar da cartola” a melhor solução/explicação possível. Desse modo, pode ser que as vezes se surpreendam com o conteúdo e tem que lidar com o que lhes é apresentado utilizando o que conseguem pensar naquele momento.</p> <p>Na sequência, a coordenadora solicitava que cada um dissesse seu nome, a palavra que pegou dentro da cartola e o quanto se sentiria confortável para abordar este tema com seus alunos de 9 a 11 anos. O nível de conforto/desconforto era identificado por placas de sinalização entregues nas seguintes cores: vermelho = muito desconfortável; amarelo = com certo desconforto; verde = muito confortável/ nem um pouco desconfortável.</p> <p>Após a apresentação de todos os integrantes, foi solicitado aos participantes que refletissem por um momento sobre como foi falado sobre sexualidade em sua vida pessoal, quais as primeiras informações que receberam, de quem, como se sentiram, se acham que foi algo positivo ou não. Informava-se que a reflexão não precisava ser exposta ao grupo para não ocasionar possíveis constrangimentos, servindo para atender o objetivo de fazer com que os participantes percebessem o quanto suas vivências pessoais influenciam no modo como lidam com a sexualidade e sua reverberação na educação sexual de seus alunos.</p>
<p>Explicação sobre Sexo, Sexualidade, e Educação Sexual.</p> <p>Duração: Aprox. 30 min.</p>	<p><u>Desenvolvimento</u></p> <p>Neste momento, através de recurso de slides multimídia¹⁸ (Apêndice D), foram trabalhados os conceitos sexualidade, sexo e educação sexual. Inicialmente, se solicitava que os participantes escrevessem uma palavra que os remetesse ao termo sexualidade, e em seguida, ao termo sexo. Esclareceu-se que a sexualidade é algo inerente ao ser humano, que é muito mais amplo do que o ato sexual em si, envolvendo diversos aspectos. Em seguida, foram apresentadas as duas definições possíveis para sexo, sendo elas órgão biológico e o ato sexual em si.</p> <p>Para encerrar este primeiro conteúdo, foi explicado sobre educação sexual, maneira formal e informal, quando é possível iniciar a educação sexual e quais suas vantagens.</p>
<p>Explicação sobre Corpo Feminino e Corpo Masculino</p> <p>Duração: Aprox. 30 min.</p>	<p><u>Desenvolvimento</u></p> <p>Foi utilizado recurso multimídia em forma de slides para trabalhar os temas <i>diferenças entre corpo feminino e corpo masculino</i>, onde foi apresentado a nomenclatura adequada para se referir aos órgãos sexuais externos.</p> <p>Em seguida, iniciou-se a técnica “<i>Hot Seat</i>” (Cadeira Quente): Explicou-se que esta atividade consistia na apresentação de algumas perguntas que podem ser feitas por alunos entre 9 a 11 anos e que treinaremos as</p>

¹⁸ Os slides produzidos no Powerpoint encontram-se como Apêndice D no final deste trabalho.

	<p>respostas. Sorteou-se dois professores e uma pergunta. O primeiro deveria responder ao grupo como responderia ao seu aluno ou classe. O segundo debatia a resposta do primeiro no sentido de aperfeiçoá-la. Em seguida, a coordenadora apresentava uma proposta de resposta adequada ao grupo.</p> <p>Pergunta: “Por que os meninos têm pipi e as meninas não?”</p>
<p>Explicação sobre Mudanças Corporais na Puberdade</p> <p>Duração: Aprox. 30 min.</p>	<p><u>Desenvolvimento</u></p> <p>Apresentação expositiva sobre o tema <i>mudanças corporais na puberdade</i> através de slides elaborados em recurso multimídia.</p> <p>Em seguida, foi realizada a dinâmica do “<i>Hot Seat</i>” com a pergunta “O que é menstruação?”; “O que é poluição noturna?” “O que é ejaculação?”, considerando os mesmos passos apresentados no item anterior.</p>
<p>Como abordar o tema Relações Sexuais para crianças entre 9 a 11 anos</p> <p>Duração: Aprox. 30 min.</p>	<p><u>Desenvolvimento</u></p> <p>O tema sobre como os professores podem explicar sobre <i>relações sexuais</i> para crianças entre 9 a 11 anos foi trabalhado através de recurso multimídia em formato de slides.</p> <p>Após a explicação, ocorreu a dinâmica do “<i>Hot Seat</i>” com as inquirições “O que é sexo?”; “Eu posso fazer sexo?”;</p>
<p>Apresentando o tema da Gravidez</p> <p>Duração: Aprox. 30 min.</p>	<p><u>Desenvolvimento</u></p> <p>Foi explanado sobre o tema <i>gravidez</i> através dos slides, realizada a dinâmica “<i>Hot Seat</i>” com as indagações: “Como é que o bebê entra na barriga da mãe?”; “Como que o bebê nasce?”. Em seguida, será assistido o vídeo “Zezinho – o Espermatozoide”¹⁹ e comentado a respeito do mesmo.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=fiEmrgBPREQ&t=15s>.

APÊNDICE E – Slides do Programa de Ensino “Respondo o quê?”

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Ensino sobre Educação Sexual

Prof. Dra. Cynthia Borges de Moura
 Ana Kamila Borgonovo
 Carla Elias de Moura
 Josiane C. de Andrade
 Maritssani de S. Robassa
 Nathalia Dal Moro
 Priscila P. Cabral

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

DINÂMICA DA CARTOLA

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

REFLEXÃO SOBRE A PRÓPRIA EDUCAÇÃO SEXUAL

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

GÊNERO

Utilizado para designar o caráter social das diferenças percebidas entre os sexos. Representa as diferenças entre universo masculino e feminino, remetendo a referências construídas pela sociedade para definir o que está relacionado ao homem e a mulher (LOURO, 2011).

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

EDUCAÇÃO SEXUAL

FORMAL Planejado Sistemizado	INFORMAL Situações espontâneas Perguntas
---	---

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

EDUCAÇÃO SEXUAL

Quando iniciar?

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



A sexualidade é algo inerente ao ser humano e é construída ao longo de sua vida



Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

VANTAGENS DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Prevenção	Senso crítico	Informações adequadas
Promoção	Valores	Diminui a ansiedade

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

DIFERENÇAS ENTRE CORPO FEMININO E MASCULINO



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

DIFERENÇAS ENTRE CORPO FEMININO E MASCULINO

Utilizar a nomenclatura adequada
VULVA = Órgão feminino externo
PÊNIS = Órgão masculino externo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

HOT SEAT



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

DIFERENÇAS ENTRE CORPO MASCULINO E FEMININO



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Por que os meninos têm pipi e as meninas não?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná



13/04/2018

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Por que os meninos tem pipi e as meninas não?

Os órgãos genitais de meninos são diferentes das meninas e possuem nomes diferentes. A parte externa do órgão sexual masculino é chamada de pênis e a parte externa do órgão da menina é chamada de vulva.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Qual a diferença entre meninos e meninas?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Qual a diferença entre meninos e meninas?

Pênis e Vulva;
Papéis Sociais;

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

MUDANÇAS CORPORAIS NA PUBERDADE



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é menstruação?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é menstruação?

Todo mês o corpo da menina se prepara para receber o espermatozoide e conceber um bebê. Quando isso não acontece, o corpo libera o sangue pela vagina. Este processo dura em torno de três a sete dias.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é ejaculação?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é ejaculação?

É quando o sêmen, líquido grosso cheio de espermatozoides sai do pênis do homem.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Por que os meninos as vezes acordam com a cueca “molhada”?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Por que os meninos as vezes acordam com a cueca “molhada”?

Acontece quando o menino está dormindo e é quando os espermatozoides fabricados chegam a uma quantidade muito grande que precisam sair. E se eles não saem com a masturbação, escapam durante o sono por conta própria através da **poluição noturna**. Você tem uma ereção dormindo, tem um orgasmo, o esperma escapa e você descobre que algo aconteceu assim que você acorda e vê seu pijama grudento.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é masturbação?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná



13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é masturbação?

Alguns meninos gostam de brincar com seu pênis e algumas meninas com sua vulva porque é gostoso, dá uma sensação de prazer. Para fazer isso, é preciso tomar cuidado para não se sujar ou se machucar porque é um local muito sensível, não pode ser a qualquer hora nem em qualquer lugar, mas sim em um ambiente confortável, privado e íntimo. Outra coisa, você não deve deixar que outra pessoa toque nessa sua parte íntima.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

RELAÇÕES SEXUAIS



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é sexo?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é sexo?

A palavra sexo pode significar duas coisas: sexo masculino e feminino ou o ato sexual. O ato sexual é quando duas pessoas que querem ficar juntas se abraçam, trocam carinhos, beijos e sentem prazer um com o outro. Primeiro o homem e a mulher se preparam para o sexo em um lugar reservado, geralmente se beijando e abraçando um ao outro. Isso ajuda que o pênis do homem fique ereto e levante. Pode fazer com que a mulher fique molhada para que o pênis ereto do homem se encaixe dentro dela mais facilmente. Após o pênis e a vagina serem esfregados, um líquido chamado de sêmen sai do pênis.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O garoto pergunta ao pai:

- O que é sexo?

O pai, depois de mil rodeios, fala sobre sexualidade, do desenvolvimento sexual e até sobre genética. Depois pergunta se o filho entendeu.

O garoto, sem saber o que responder, diz:

- Entendi. Só não sei como vou colocar tudo isso aqui (entregando uma folha para o pai).

Ao pegar a folha, o pai lê: FICHA ESCOLAR:
SEXO () MASC. () FEM.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Eu posso fazer sexo?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Eu posso fazer sexo?

Para fazer sexo o corpo precisa estar desenvolvido o que acontece em torno dos doze anos de idade, quando as crianças passam pela puberdade. Além do corpo estar preparado é importante que a pessoa seja madura, tenha responsabilidade para lidar com as consequências de uma relação sexual.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

GRAVIDEZ



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Como o bebê entra na barriga da mãe?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Como o bebê entra na barriga da mãe?

Para fazer um bebê é necessário que um espermatozoide do homem e um óvulo da mulher se juntem. Isso pode acontecer quando um homem e uma mulher fazem sexo. Primeiro o homem e a mulher se preparam para o sexo em um lugar reservado, geralmente se beijando e abraçando um ao outro. Isso ajuda que o pênis do homem fique ereto e levantar. Pode fazer com que a mulher fique molhada para que o pênis ereto do homem se encaixe dentro dela mais facilmente. Após o pênis e a vagina serem esfregados, um líquido chamado de sêmen sai do pênis. Esse líquido contém muitos espermatozoides que entram na mulher e nadam até o óvulo. Se um espermatozoide conseguir se juntar ao óvulo, um bebê pode começar a se desenvolver.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Como o bebê nasce?



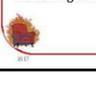
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino – Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Como o bebê nasce?

Um bebê pode nascer de duas maneiras: pela vagina da mulher através do parto normal, ou por um corte cirúrgico na barriga chamado de cesárea.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Sexualidade em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

Vídeo
“Zezinho: O Espermatozoide”



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Sexualidade em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

OUTRAS SITUAÇÕES...



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Sexualidade em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é orgasmo?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Sexualidade em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é orgasmo?
É uma sensação de grande prazer sexual seguida de um profundo relaxamento que se sente durante uma relação sexual com parceiro/a, em uma situação de masturbação mútua ou solitária.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Sexualidade em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é homossexualidade?



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Sexualidade em Ensino – Nível Mestrado

Programa de Educação Sexual para Professores

O que é homossexualidade?
É quando uma pessoa sente atração afetiva sexual por alguém do mesmo sexo que ela, ou seja, um homem sente atração afetiva sexual por outro homem ou uma mulher por outra mulher.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

13/04/2018

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – IUPERM/Unicamp

Programa de Educação Sexual para Professores

DICAS PARA TRABALHAR A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – IUPERM/Unicamp

Programa de Educação Sexual para Professores

DICAS PARA TRABALHAR A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

- Trabalhar as curiosidades, perguntas e manifestações das crianças;
- Respeito à privacidade, demonstrar a noção de íntimo e privado;
- Adequar as informações à linguagem e idade das crianças.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – IUPERM/Unicamp

Programa de Educação Sexual para Professores

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

- Questionário com situações problema
- Questionário de Avaliação do Programa de Ensino

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação Ensino Superior em Ensino – IUPERM/Unicamp

Programa de Educação Sexual para Professores

Obrigada a todos pela presença!

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Respondo
O quê ?**

FACEBOOK DO EVENTO: <https://www.facebook.com/educacaosexparaprofessor/>

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Programa de ensino em Educação Sexual para professores do ensino fundamental: Elaboração e Avaliação

Pesquisador: Cynthia Borges de Moura

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57738616.8.0000.0107

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde CCBS - UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.838.310

Apresentação do Projeto:

Programa de ensino em Educação Sexual para professores do ensino fundamental: Elaboração e Avaliação

Objetivo da Pesquisa:

Propor e avaliar programa de ensino sobre educação sexual com professores do quarto e quinto ano de escolas públicas de Foz do Iguaçu - PR.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Devidamente esclarecidos no projeto e no TCLE

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Está corretamente apresentado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão corretamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



Continuação do Parecer: 1.838.310

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_717443.pdf	30/09/2016 19:20:30		Aceito
Outros	modelo_carta_resposta_ao_cep.doc	30/09/2016 19:20:12	Carla Elias de Moura	Aceito
Outros	Termo_Dados_arquivoCarla.pdf	30/09/2016 19:18:59	Carla Elias de Moura	Aceito
Outros	questionario_coleta_dados.docx	28/09/2016 20:15:02	Carla Elias de Moura	Aceito
Outros	curriculo_Cynthia.pdf	27/09/2016 10:05:57	Cynthia Borges de Moura	Aceito
Outros	curriculo_Anakamila.pdf	27/09/2016 10:02:58	Cynthia Borges de Moura	Aceito
Outros	curriculo_nathalia.pdf	27/09/2016 10:02:11	Cynthia Borges de Moura	Aceito
Outros	curriculo_carla.pdf	27/09/2016 10:01:49	Cynthia Borges de Moura	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCarlasusy.docx	13/06/2016 10:24:11	Carla Elias de Moura	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	13/06/2016 10:23:58	Carla Elias de Moura	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termocienciajun16.pdf	07/06/2016 20:27:35	Carla Elias de Moura	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	07/06/2016 20:20:10	Carla Elias de Moura	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoescaneada.pdf	07/06/2016 20:18:50	Carla Elias de Moura	Aceito
Folha de Rosto	folharostojun16.pdf	07/06/2016 20:18:05	Carla Elias de Moura	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



Continuação do Parecer: 1.838.310

CASCADEL, 25 de Novembro de 2016

Assinado por:
Fausto José da Fonseca Zamboni
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCADEL

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prppg@unioeste.br